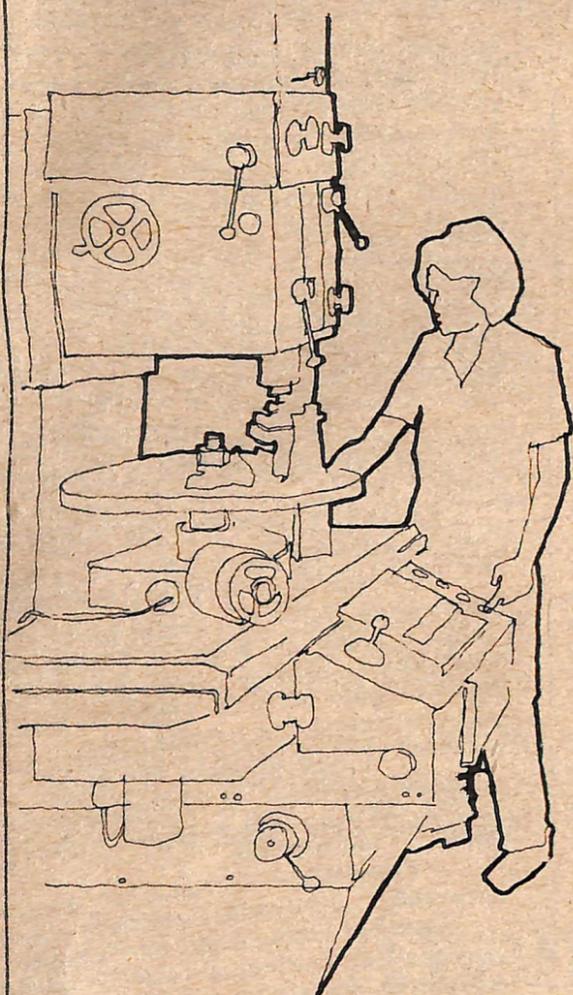


**SENAI :
VESTIBULAR
PARA O TRA-
BALHO.** PAG. 16



PÁGINA

13

PAGINA 13,

AGORA SOB NOVA DIREÇÃO.
INAUGURAÇÃO: HOJE! (APLAUSOS)

'ANDARILHO' · (LIVIO TAGLIACARNE)
MEDALHA DE BRONZE NO 32º SALÃO
INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRÁFI-
CA DE S.PAULO 1975

**CLICK !
E O REAL
SE FAZ
ARTÍSTICO**

PAG. 8 E 9

Canto chorado

Ad Perpetuam Rei Memoriam

Quarta-feira, 20 horas, ligam-se as luzes na colenda que fica feéricamente **iluminada**.

Ouve-se o tímpano e em seguida o chavão sacramental: Em nome do Criador está aberta a sessão.

E o Supremo Arquiteto, das alturas, ouviu, viu... e sorriu...

O sr. secretário faz a chamada. 17 em cena. Câmara plena. Doze p'ra cá, cinco p'ra lá. (Que cinco grandíssimos tratantes). Começa o inane.

— Presidente — Está em discussão, com regime de urgência e preferência, o projeto de lei de autoria do sr. prefeito, dispondo sobre três **pequenos** empréstimos, ou seja, em milhões, um de 198, outro de 100 e outro mais de 70, ao todo 368 milhões. Devido a falta de pareceres das comissões de Justiça e de Finanças os respectivos presidentes, (dada a urgência urgentíssima, é claro), os emitirão verbalmente.

— Fala o da Justiça — Caros colegas, a peça em tela, quanto à legalidade e à constitucionalidade, (disso eu entendo), configura o ato jurídico perfeito. Não será de estranhar se a própria corte internacional do direito das pessoas humanas a adotar, (a peça), como exegese-padrão de hermenêutica no fórum das nações super civilizadas. Parecer favorável.

— Fala o das Finanças — Com a verve e o estilo que caracterizam a peregrina inteligência e a sabedoria do meu ilustre antecessor, o "aspecto legal" está plenamente definido. Quanto ao concernente às finanças, examinei-o cuidadosamente, com os conhecimentos e o critério que me são peculiares. Não paira dúvida nenhuma, a **burra** da velha Petronilha aguenta o tranco... Mandem brasa.

Exaustão no plenário. Soa o tímpano. Parada para os salgadinhos.

Entretentes, nas comodas poltronas dos contemplativos, o Rotary, o Lions, os "Amigos", o Tenis, o Clube e outros conspícuos isolados da descontraída sociedade jundiáense aproveitam o intervalo para um papo aberto de alheio e suavizante bem estar, isso porque, como lá diz o jargão, em festa de jacú inhambú não entra.

Soa o tímpano de novo. Reabre-se a sessão.

— Líder — A palavra de ordem é pela aprovação do monstrinho.

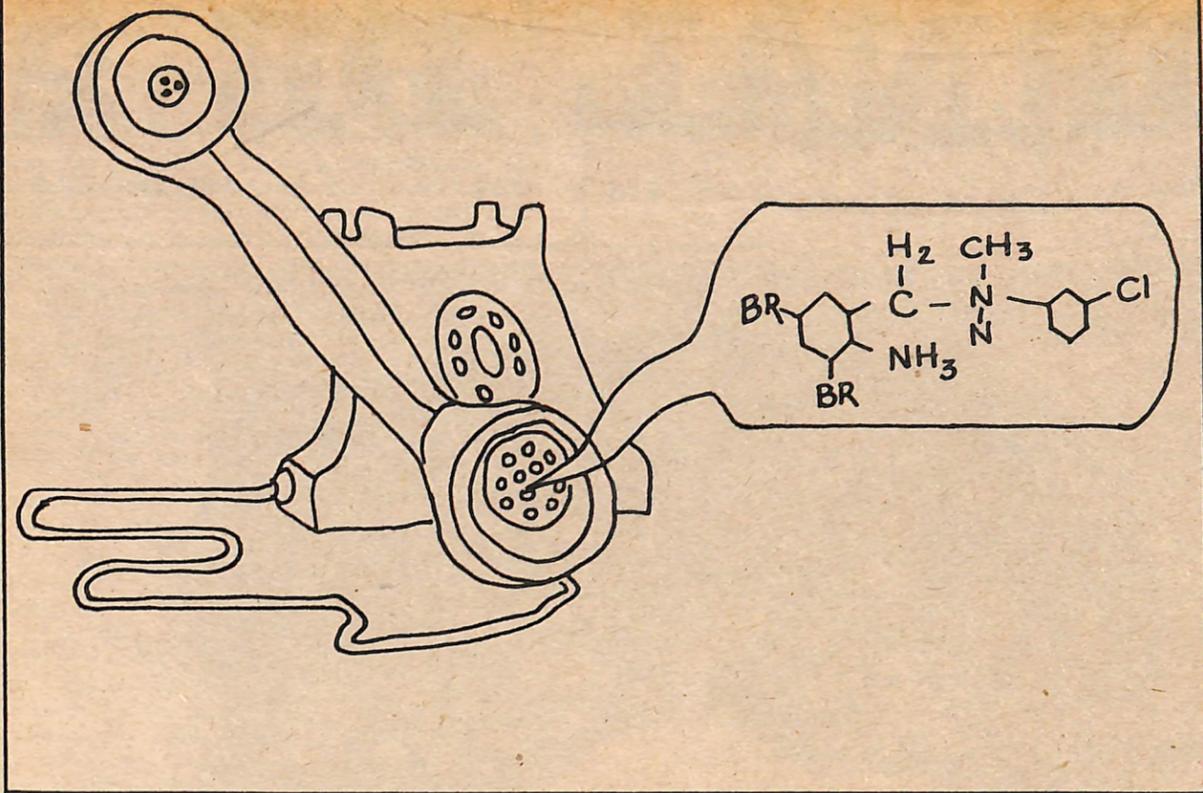
—Presidente — Projeto de discussão... em aprovação... aprovado. Encerrada a sessão.

Nesse instante, célere, um "chupeta" penetra o recinto e distribui a cada "minigildo" certo bilhete que dizia: s. excelência agradece e convida o companheiro para uma patuscada comemorativa no Balaio...

Se a **burra** da velha aguenta o tranco
E o povo já habituou-se à sua Cruz...
Porque não dar ao chefe um cheque em branco
P'ra que ele possa às **obras** fazer jús?

E depois ao cantarmos nossa glória
Por fazer desta terra um "boulevard"
Os jundiás não poderão mais duvidar
Que os "minigildos" vão ficar na história.

Simão



VIDE BULA

Havia uma lógica terrível na sequência dos sintomas.

Primeiro, os de estrutura psíquica: alterações do humor e da capacidade intelectual, estados depressivos, anorexia, astenia, debilidade neuromuscular, distúrbios digestivos e cardíacos-vasculares.

Era questão de tempo e viriam os estágios mais avançados: processo inflamatório e degenerativo dos nervos motores e sensitivos, polineurite.

Não era o caso dele, mas no beribéri, a forma mais grave, surgiriam também paralisias, ataxia, degenerescência muscular, dispnéia e insuficiência e dilatação do coração direito.

Mas qual seria, exatamente, o caso dele, o seu estado? Síndrome beribérica em suas várias formas? Insuficiência cardíaca, com dilatação do coração direito? Oligúria e edema? Distúrbios gastrintestinais?

Anorexia? Perda de peso? Obstipação atônica? Ou (em casos de neurologia) neurites e polineu-

rites, inclusive do nervo ótico e neurite diabética? Clática, nevralgias intercostais? Paralisia facial, paralisias pós-infecciosas?

Parestesias por intoxicação alcoólica, ou nicotínica, ou medicamentosa, ou profíssinal? Alcolismo, delirium tremens?! De uma coisa tinha certeza: não era caso de neurites, parestesias e câibras no decurso da gravidez, males femininos. Era um consolo. Males femininos...

Pimba, lhe veio à lembrança a mulher: como estaria ela? Onde?

O tilintar do telefone interrompeu sua aflição, pregando-lhe o maior susto. Levantou-se e atendeu:

—Pronto?

Reconheceu a voz, era dela. Você está bem? eu estava exatamente pensando em você, meu anjo. Claro, meu amor, imediatamente querida, vou já. Tá legal, na esquina, vou voando, um beijo.

Saiu feito foguete e em menos de 5 minutos estava na

esquina, o coração saltando nas têmporas, o olhar fixo em cada táxi, até que chegou o dela. Ajudou-a a saltar, fez uma bagunça para pegar o dinheiro no bolso, derrubou papéis, quase fechou o dedo na porta do táxi, que felicidade: ela estava ali, diante dele.

Foi só tocar a mão dela, num cumprimento meio sem-graça, e sentiu a sensação do tato familiar, a mão que lhe pertencia (ou ele a ela?), a pele que lhe pertencia, a carne que lhe pertencia. Sentiu-se tomado por um grande amor, maior do que a discussão tola que haviam tido, maior do que a imensa tristeza que sentira nesses 15 dias de horrível separação, que estupidez brigar quando se ama tanto.

Ah, que delícia sentir novamente a mão dela na sua! Puxa, como ele a amava! E demonstrou esse amor, durante as três horas em que ficaram juntos, naquela tarde, juntos como deveriam estar sem-

pre, sem brigas, sem discussões. Puxa, que delícia estar com ela!

Agora, ela precisava ir e ele também. Despediram-se com uma tristeza boa, promessa de novo encontro amanhã, felizes.

Quando chegou em casa ele notou que nem havia fechado a porta com chave, tamanha a pressa da saída. Sorriu, estava estourando de felicidade, o corpo mole de tanta felicidade. Notou também, sobre a mesa, o vidro de vitamina B-1, ao lado do copo d'água e do papelzinho explicativo. Sorriu.

Pegou o papelzinho para ler (leria qualquer coisa. Ou não leria. Estava feliz, completo, não precisava de coisa alguma). Pegou a bula da vitamina B-1, foi até o sofá e deixou-se cair, sorrindo.

Mal começou a ler e a letrelinha miuda fez arder sua vista, as palpebras pesando, o corpo mole querendo dormir.

Adormeceu. Sonhou que era pequenininho, bem pequenininho...

Erazé Martinho



**TIPOGRAFIA
JUNDIÁ**
IMPRESSOS
EM GERAL

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PANSERVIÇOS
Composições Linotipográficas

Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2ª FEIRA

Propriedade da **Editora Japi Ltda.**
Rua Senador Fonseca, 1.044 — Fone: 4-2759
Redator-Chefe: **Celso Francisco de Paula**
Capa: **Araken Martinho**
Oficinas Impressoras: "**Cruzeiro do Sul**"
R. de São Bento, 245 — Sorocaba
Assinaturas
Semestral — Cr\$ 70,00 e Anual — Cr\$ 120,00

Concorrências Públicas — VII

Pedimos desculpas pelo erro no quadro do último artigo, que por sinal tirou o efeito da disparidade que pretendemos demonstrar. Os valores corretos são:

Serviço	Preço da vencedora:	Preço da Perdedora:
Escavação, carga e descarga de terra	Cr\$ 11,45 - m3	Cr\$ 3,00 m3
asfalto	Cr\$ 520,00 m3	Cr\$ 300,00 m3
concreto	Cr\$ 54,00 m3	Cr\$ 300,00 m3

Nesta série sobre concorrências públicas não poderia ficar de fora uma das primeiras da atual administração, das mais curiosas que já vimos em toda nossa vida ligada aos fatos que dizem respeito ao interesse público. A bem da verdade nunca vimos, nem aqui, nem na Cochinchina nem em lugar nenhum.

Trata-se da concorrência para conservação de ruas de terra, aberta em 4/6/73, sob n. 20/73.

Se dissermos que a concorrência tinha endereço certo, isto é, que a firma a ser contratada já estava escolhida, muita gente se sentirá ferida em brios. Por isso não dizemos. Vamos apenas dar detalhes e naturalmente a análise se havia ou não o propósito de afastar todas as firmas de Jundiá e mais um grande número de concorrentes, ficará por conta do leitor, que concluirá ao seu bel prazer.

O edital referido estabeleceu o seguinte:

1 — Objeto da concorrência: reparação dos leitos de ruas de terra, inclusive assentamentos de canaletas, cabendo à empreiteira fornecer toda mão de obra, máquina e ferramentas.

2 — O preço orçado foi de Cr\$ 110.000,00 por quilômetro de rua, até 8 metros de largura.

3 — Quantidade aproximada de 8 quilômetros.

4 — O capital exigido dos concorrentes foi de Cr\$ 7.500.000,00 integralizado.

5 — Equipamento exigido vinculado às obras: 2 moto niveladoras CAT 12 ou simi-

lar; 2 pás carregadeiras CAT 955 ou similar; 15 caminhões basculantes; 2 rolos compactadores, pneumáticos de pressão variável SP 6.000 ou similar; 2 irrigadeiras com capacidade de 5.000 litros e 1 trator de esteiras CAT D 8 ou similar.

Uma lida nessa relação dá para qualquer pessoa, por mais fora que esteja do assunto entender, que é uma barbaridade.

Os serviços foram contratados na base de Cr\$ 99.000,00 (sempre 10% a menos) por quilômetro dando mais ou menos um total de Cr\$ 2.000.000,00.

Salta a vista que para um serviço tão simples num valor desses a exigência de um capital de Cr\$ 7.500.000,00 já começa a cheirar mal. Acrescentada à do equipamento então é bom nem falar.

Serviço insignificante, que poderia ser feito pela própria Prefeitura, ou por contratos mais simples e econômicos.

Uma empresa daquele porte exigido pelo edital, jamais ocuparia uma frota daquelas para tapar buracos ou consertar ruas de terra. Ficaria caríssimo, a não ser que sub-empregasse os serviços. Franca-mente não temos condições para afirmar em que condições foram executados.

Agora, vamos e venhamos, como dizia antigo e combativo vereador.

Por que a exigência de um capital tão grande, sabendo-se que o serviço era de pouca responsabilidade e que o valor da caução para garantia do mesmo foi de apenas 5% sobre o valor do contrato? Por acaso se a firma abandonasse o serviço, o seu capital de Cr\$ 7.500.000,00 iria garantir o que? E qual seria o prejuízo dado à Prefeitura?

Uma coisa vamos garantir aos senhores leitores. Terminaremos essa breve série sobre concorrências públicas e contratos, porque relembrar tais fatos, para quem gosta de Jundiá (não os faz de conta), dói mais do que rapadura em dente cariado.

Apenas falaremos sobre mais um contrato, justamente para determinar o contraste, quando não se exigiu capital algum nem nada.

Virgilio Torricelli

Quem são os culpados?

A comissão de vereadores encarregada de examinar a proposta orçamentária do município para 1976 apresentou seu parecer, considerando como "criteriosamente elaborada" aquela peça que, na realidade, representa a culminância catastrófica da infeliz administração que vem castigando nossa cidade.

Vale a pena ler tal parecer. Não se encontra, nele, o aspecto de análise e julgamento que seria de se esperar de uma comissão preocupada em examinar em profundidade o orçamento do município. Ao contrário, tem todo o caráter de uma justificativa, como se tivesse emanado do próprio poder executivo, que elaborou o orçamento, e não do órgão encarregado de julgá-lo.

Como era de se esperar, o orçamento foi rapidamente aprovado pela Câmara, dominado que está nosso legislativo pela famosa "maioria alinhada" que o transformou num simples e dócil apêndice do executivo.

Um ponto do tal parecer merece destaque. Diz ele que a elevação brutal das despesas de custeio do município "encontra respaldo na atual conjuntura econômica mundial, com o agravamento de inflação motivada pela crise do petróleo". A conclusão é óbvia: de acordo com a comissão de vereadores que examinou o orçamento, os verdadeiros culpados da orgia de gastos em Jundiá, e do desastre econômico do município, são os árabes.

Arena sem candidatos

Como é do domínio público, nosso prefeito, ao tomar as redes do governo da cidade, teve no seu primeiro gesto o arredamento abrupto do diretório da Arena de que se desvinculou por meio de altiroantes agressividades verbais.

Foi buscar na capital, na família, no partido contrário e num indigitado bajulador marcado pelo estigma do oportunismo, o dócil e inoperante secretário que o erário sustenta à tripa-forra com polpudos vencimentos.

Gerou, dessarte, uma fonte de animosidade generalizada que ane-

matiza a sua tumultuada administração e desencadeia sobre a sua cabeça uma tempestade de derrotismos que o óbvio escancara nas ruas da cidade.

Toda gente sabe que o sr. prefeito foi eleito pela Arena, que não só lhe conferiu legenda, como recomendou o seu nome ao eleitorado e por derradeiro lhe deu a vitória através da soma das duas outras sublegendas.

Marginalizados e malversados pela rompancia irreverente de ss. os mais destacados proceres da Arena deixa-

ram o diretório e se situaram em oposição ao executivo municipal.

Muito não se fez tardar para que essa reação, cada vez mais recrudescente, se espraiasse do centro para os bairros periféricos atingindo todos os quadrantes do município.

Disputou a convenção partidária e ficou em último lugar, dando assim uma demonstração tácita de desprestígio e impopularidade.

Analisemos, pois, a Arena na atual conjun-

tura, face aos fatos enunciados.

Posto que, somente aos três meses da eleição possam os candidatos vir a público para a catálise eleitoral,

é fora de dúvida que, na forma do figurino político, a esta altura do tempo, como acontece em toda parte, já devia tê-los em andanças fazendo proselitismo pelos bairros e subúrbios.

Todavia, que é dos candidatos?

Não ignoramos as "demarches" que um

dos três grupos vem encetando no sentido de fixar nomes que possam consertar a caótica situação da nossa Prefeitura.

Nenhum jundiáense, entretanto, nato ou não, se aventura a herdar o legado sinistro do próximo quadriênio.

Nas hostes do prefeito, também, como tudo deixa crer, inexistente o homem capaz de polarizar o eleitorado, isso porque, ao invés de preparar um substituto não fez mais do que brigar com os políticos nos seus três anos de governo.

O município está endividado até a raiz dos cabelos. Ninguém quer pegar o rabo do rojão. Ou melhor, não aparece um munícipe de gabarito que queira se candidatar à Prefeitura.

O prefeito descaracterizou a Arena como partido em nossa terra, provocando uma dicotomia entre o governo municipal e os grupos mais representativos da política, o que vale dizer um prato condimentado ao gosto do MDB.

Elcio Vargas

ZONA FRANCA

O leitor escreve, comenta e opina

Escritório
de
Advocacia

dr. ademercio
lourenção
dr. alcimar a.
de almeida
dr. francisco
v. rossi

RUA SIQUEIRA DE
MORAIS, 578, 1º ANDAR
EDIFÍCIO MARIJU

causas cíveis
e criminais

DRs.

LAERTE DE FRANÇA
SILVEIRA RIBEIRO
MARIO PEREIRA LOPES

barão, 1041, 2º a
fone: 4.3566

advocacia
trabalhistae
comercial

DR. ANDRÉ BENASSI
DR. RANDAL G. GARCIA
barão, 873
fone: 6-2936

XEROX

também
é com o

FOTO

ZEZINHO

ROSARIO, 523 - FONE 6 3795

MUDANÇA?

IRMAOS VIEIRA

TRANSPORTAM MELHOR

1000 100

FONES: 4-0229 - 6-5086

NOVIDADES

Charme

CALÇADOS

ROSARIO, 626

CONCERTOS

DE

TV, RÁDIOS

E TAPES

ELETRÔNICA

ANZOLIN

rua marechal, 533

telefone: 6-7683

BONITINHA MAS ORDINÁRIA

SR. REDATOR:

Na qualidade de um modesto chofer de caminhão, venho recorrer ao serviço de utilidade publica desse simpático semanário que, sem distinção de classes sociais, filiações políticas ou qualquer outra discriminação, acolhe sempre, com o mesmo interesse, as cartas, pedidos e sugestões de seus leitores.

Animado com esse espirito democrático da linha desse Jornal de 2ª, venho apelar a V.S. que, apelem a quem de direito, no sentido de que tomem as providências cabíveis, no sentido de que sejam reparadas as obras do aterro que ladeia a Av. 9 de Julho, aterro esse que, nos dias de chuva, desprende uma grande lamaceira por sobre o calçamento da Avenida Córrego do Mato, impedindo, praticamente, o trânsito de caminhões e outros veiculos por aquela via pública, sem correr o risco de derrapagens e até de acidentes gravíssimos, caso uma providência não seja tomada de imediato.

Certo de sua atenção, subscrevo-me agradecido em meu nome e em nome de meus colegas que correm o mesmo risco. (H.M.S.).

ARROBAS LÊ

SR. REDATOR: Com os meus cumprimentos, agradeço a amável remessa do exemplar nº 19 do "Jornal de 2ª."

Cordialmente,

LUIZ ARROBAS
MARTINS

(CHEFE DA CASA
CIVIL DO

GOV. DO EST. DE SÃO
PAULO)

S. Paulo 21/11/75

OS PREÇOS DO MERCADO, UM "PEPINO" PARA OS CHEFES DE FAMÍLIA

SR. — Escrevo a presente para expor a V.S., um problema que, para todos os que são chefes de família, precisa, urgentemente, ter uma solução.

Moro, com minha senhora, minha sogra e mais dois filhos menores, nas proximidades do Centro Comercial Bandeirantes, e, devido à essa circunstância, conheço de cor e salteado, os preços dos legumes, verduras, frutas, hortaliças, flores etc., vendidos all pelos proprietários dos boxes.

Acontece que, absurdamente, os preços cobrados pelos comerciantes do Centro Comercial Bandeirantes, comparados com os preços dos feirantes da feira-livre da Vila Rio Branco, realizadas todas as sextas-feiras, são injustamente maiores. Explico: injustamente, pelo fato comprovado, público e notório, de que os comer-

ciantes do Centro Comercial Bandeirantes, desde que foram intimados a deixar o antigo Mercado Municipal, da rua Barão de Jundiá — há aproximadamente dois anos —, estão isentos de todo e qualquer imposto, posto que jamais receberam cobrança alguma da Prefeitura. Isto, convenhamos, é um privilégio, e portanto, uma regalia que, por si só, justificaria que os preços cobrados pelos proprietários dos boxes do G.Com. Bandeirantes fossem, senão menores, pelo menos iguais aos cobrados pelos feirantes, os quais além dos impostos, têm despesas com condução motorizada (gasolina, óleo, ajudante etc.) ou as conduções feitas por tração animal (carroças etc.), o que implica em despesa com a alimentação dos cavalos, licenciamento do veículo, etc).

Contudo, acontece justamente o contrário, os comerciantes do Centro

AVE, MÉDICO!

Por certo, nem te lembrás (tão criança/eras naquele tempo) e no entanto/ Um homem, quanta vez, mudou o pranto/ De teus pais, em sorriso de bonança!

Por certo, nem te lembrás (já te cansa/ A memória, talvez) um dia, entanto/ Esse homem terá sido mais que um santo/ Salvando o Filho teu, tua esperança!

O bem que se recebe, a gente esquece.../ Somente

a dor, jamais será esquecida./ Enfim, quem a curou... desaparece!

Mas, se este poema, acaso te enternecer,/ Ama teu médico... através da vida!/ Lembra-te dele, ao menos uma prece!... (Alvaro de Albuquerque)

Aos doutorandos de Medicina de 1975, uma pequena homenagem de alguém que com orgulho e emoção pode dizer:

Ave, médico!...

E.B. Soares de Camargo.

OBA, UM CONVITE PARA JANTAR

Sr.: — Sentiríamos honrados que este conceituado órgão de imprensa se fizesse representar no jantar comemorativo no seu 7º aniversário que realizarse-á no dia 29 de novembro, às 20 horas no Restaurante da Festa da Uva, e homenageando o Comerciante do Ano, no Ramo de Materiais de Construção, sr. Angelo Mietto.

Waldomiro Frigieri

Ass. dos Comerciantes de
Materiais de Construção de
Jundiá

Comercial Bandeirantes, isentos dos impostos, cobram pelas suas mercadorias, um preço bem maior que os vendidos pelos feirantes.

Peço que V.S. alerte as autoridades no sentido de exercer uma maior fiscalização no sentido de coibir esse abuso que lesa os bolsos dos já tão explorados contribuintes dos cofres municipais.

Atenciosamente,
ISAURO PASCHOALETTO
GUZZO
(Vila Rio Branco).

A BOA FÉ DE D'ARTAGNAN QUE QUER SE INSERIR NO J.2ª

Sr.: — "Lendo o último número do Jornal de 2ª, notei que a articulista Célia de Freitas expressa ali um grande problema: diz, entre outras afirmações, que não crê na Caridade e Fé, mas, louvavelmente, conserva a esperança. A ela devo dizer:

Na vida, com esperança maior virtude se alcança; grande cousa isto é: a esperança sem vaidade produz espiritualidade, a suprema Caridade, primeiro passo da Fé!

Se a redação quiser aproveitar o que al está para o próximo número, acrescento que sou residente em Jundiá, cidade que muito aprecio, e poderei colaborar com parte coerente e

selecionada do que escrevo. Possuo dois livros de minha autoria.

D'Artagnan

CREDENCIAIS PARA OS COMISSÁRIOS

Comunicamos a todos os comissários de menores de Jundiá que a partir de 1º de dezembro já estarão à sua disposição as novas credenciais, válidas para o ano de 1976. Solicitamos a todos que compareçam à nossa sede de plantão (sala 14 do Palácio da Justiça "Dr. Adriano de Oliveira") munidos da credencial de 1975, que deverá ser substituída.

José Francisco Ribeiro de Campos

Comissário-Chefe de Menores



Não cobramos nenhuma taxa dos candidatos

Mantemos sigilo absoluto

Vagas para os seguintes Departamentos:

SECRETARIAL ADMINISTRATIVO

VENDAS E MARKETING

TÉCNICO INDUSTRIAL

Horário: das 8:00 às 18:00 h

Sábados: das 8:00 às 12:00 h

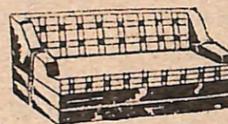
Não fechamos para almoço

Rua Engenho Monlevade, 682 - Fone: 6-5987

JUNDIAÍ — ESTADO DE SÃO PAULO

TAPEÇARIA
BRASIL

ESPECIALIDADE
EM TAPEÇARIA DE
AUTOS E MOVEIS



rua dr. torres neves n: 224
FONE: 6-5977



COZINHA
JUNDIAIENSE
LTDA

refeições industriais

R. JOSE BONIFACIO DE ANDRADE E SILVA - 400

FONES: 6 6392 & 6 2461

PROJETOS RESIDENCIAIS
CONSTRUÇÕES-REFORMAS
SERVIÇOS RAPIDOS E SEGUROS

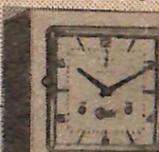


HIDROTECNICA
projetos e execuções

rua marechal deodoro - 303
(ao lado da Secretaria de Obras)

RELOGIOS DE PONTO

ROD-BEL

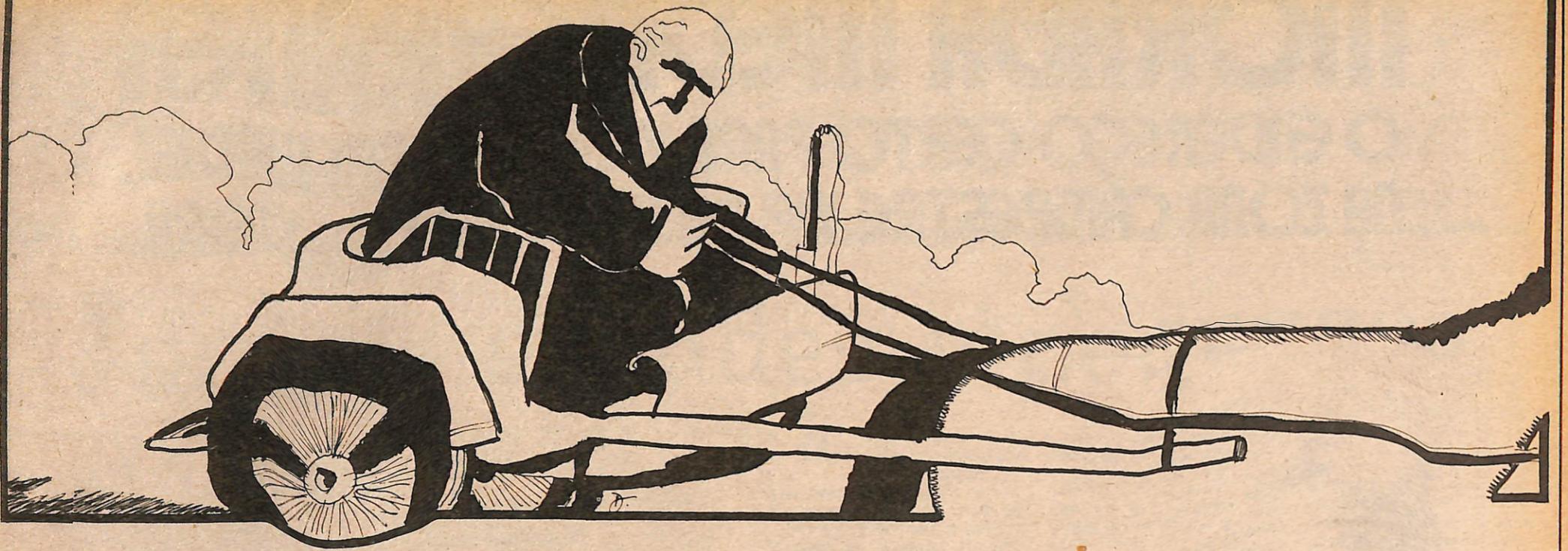


revendedor autorizado
em Jundiá:

COMERCIAL

PANIZZA
LTDA.

BARÃO-427
FONE: 6-8231



O burro Limão

Padre Damião. Nunca se lhe perguntou o sobrenome. Damião de que? De nada. Só Padre Damião. De batina preta, esgarçada nos bolsos; bolsos enormes, lá cabia de tudo, até galinha. Viva. Não tem coisa mais enorme do que uma galinha viva. Padre Damião era aquele um que casou Faustão. De Faustão até meu avô, era Padre Damião o casamenteiro.

Casou todo mundo, batizou todo mundo, confessou e encomendou todo mundo. Naqueles ermos, donde ele não saía nunca, só ele não tinha como confessar-se, Damião só, dormia só, vivia só, comia só, e quando morreu não teve quem encomendasse seu corpo. Morreu só. Lembro dele no caixão, cabelos muito brancos, pele enrugada, um sorriso nos belços comidos pela idade. Só.

Era contador de estórias; estórias de Jesus. As vezes, algo, irreverente. Mas de Jesus, que de outras estórias ele nada sabia. Rodeado pela criança e pelos adultos, não havia cinema muito menos televisão, o divertimento era prosear e poucos sabiam entrelaçar palavras formando as potocas — lá vinham os "era uma vez"

Dos trinta e três anos de Jesus, o Evangelho descreveu só três; os outros trinta foram descritos por Padre Damião. Estórias com certo humor, fáceis de serem compreendidas. Todo mundo a sua volta, em semi-círculo, e a voz macia, sonora, aveludada.

—Era uma vez Jesus e São Pedro viajando, correndo mundo. Muito cansados da longa caminhada, aportaram na casa de um bando de ladrões. Pediram pouso e lhes foi dado. Dormiram num catre, os dois, enquanto os ladrões joga-

vam. Um dos ladrões enfurecido, porque estava perdendo muito falou:

—E esse cara aí que está me dando azar. Desde q'ele chegou não ganhei uma! Vou dar-lhes uns tabefes prá tirá o peso.

E dito, melhor feito, tacou a mão em São Pedro, que estava dormindo na beirada da cama. Jesus nem acordou. São Pedro temeroso deu apanhar outra vez, de acordou o Mestre.

— Jesus, qué trocar de lugar comigo? Jesus acedeu, deitou-se na beirada, São Pedro no canto. Eis que um outro jogador começou a perder e falou para o padre e falou para o padre que tinha agredido São Pedro.

— Tô perdeno des que ocê bateu no home. Em quem ocê bateu?

— No da berada da cama.

— Intão vô sová o do canto.

E tacou a mão em São Pedro.

E conclui o padre Damião, no seu vagar de bom proseguidor:

— A Jesus ninguém engana.

... enquanto os ouvintes riam gostoso da malícia da estória.

Padre Damião. Batina puída, encebada no coleirinho. Ia uma vez por mês rezar missa na capela do sítio, ajudado pelo meu irmão, o "Zé Padre".

Vivia sem família, que não tinha pai nem mãe, nem mulher nem filhos. Filhos? meceis não de estranhar mas sei de um, sei só de oltiva, que tinha oito filhos com a cozinheira. Padre Damião nem cozinheira tinha, qu'ele fazia a própria comida. Comida pobre, ele não sabia zozinhar. No sábado de tardezinha, não havia reza na véspera de missa no sítio, só a benção do Santíssimo, ele pegava sua charrete c'o burro e vinha prá

roça. Sua charrete, seu burro; tinha só isto de vivente no mundo: o burro. Meceis já viram burro verde? Pois o burro do padre era verde. Potoca? Qual o quê. Era um burro furta-cor e assim ao anoitecer, no lusco-fusco, era vê que o danado parecia verde? Daí seu nome: Limão. O padre Damião e seu burro Limão. Burro meio empoado que as vezes se danava a escoicear, quantas vezes quebrou o varal da charrete? Burro enjoado, sendo de padre, acho qu'ele sabia que ia pro céu. Como o padre se arranjaria sem ele? Tanto qu'era assim um tantinho depois de morrer o padre, morreu o burro também.

O padre chegava em casa já noite fechada. Minha vó e minha mãe se esmeravam na cozinha, que ele comia bem só uma vez por mês: na nossa casa.

Ele chegava — Louvado! A bença! Beija-mão, milho e água pro burro, comida pro seu padre. Seus cabelos brancos, sua voz sonora. O ar tranqüilo de quem sabe que vai pro céu. Depois da prosa, ia comer. Ele dizia cear. Caldo de couve rasgada com farinha de milho,

depois um franguinho recheado com farofa, o leite com farinha de milho, broa ou bolo de fubá, com manteiga, aquela mantelgona da roça com um pouco de soro pro meio, gostosura de manteiga. E ele, guardanapo preso no colarinho ia comendo e conversando falando co'a boca cheia, todo mundo em volta olhando ele lamber os belços e chupar os dedos, das duas mãos, tão gostosura que todos o imitavam os gestos ali, na hora. Nos outros dias vovó nos repreendia, que o gesto era feio — Credo que porcaria! dizia ela.

Dedo de padre é limpo, é santo, segura Hóstia. Nem compará co de vocéis.

Aí, o padre Damião, depois do seu jantar mensal, ar de beatitude, por que a alegria e a paz vem das tripas bem forradas, cara feia é fome, começavam as estórias, adoçadas com quindins da vó. O terço, puxado pela vó, que o padre só acompanhava como rezador comum, apenas dava a benção no fim com o Viatício — ele também morrendo de sono, que minha vó, quando o padre tava junto fazia umas

poses e demonstração de reza que não tinha mais fim, caprichava até não poder mais.

No outro dia a missa. Povão que não tinha fim, ficava a igrejinha atopejada de gente, mais da metade ficava lá fora, que não havia o que com- portasse o mundaréu de gente. O ponto alto era o sermão, beleza de peça. Verdadeira aula de bem- viver. Os ecos da sua fala melodiosa me acompanhavam e me dirigem até hoje. Meu padre, ouço-o ainda hoje dizendo aquelas coisas que já não tem mais importância, por que o respeito mútuo e o dever já desapareceram de há muito.

—Pros coronéis, gente de peso, ouço sempre o tratamento de Vosmecê e para as pessoas comuns, o tratamento de Mecê. Os negros no seu falar diferente dizem Vassuncê e Suncê. Parem com esta dificuldade e diferença e digam senhor. É mais fácil, agrada mais.

E ele conseguia ligar seus ensinamentos simples ao Evangelho, num malabarismo sem igual.

Acabada a missa, já pelas 10 horas — dia de comunhão — vinha o almoço gordo no qual, mesmo sendo domingo, não faltava o feijão carochudo e lustroso, que o

padre gostava demais. Carne de porco com quibe, angu apimentado, flores de "abobora" fritas ao ovo com trigo, cambúquira (se era tempo), frango assado, leitôa as vezes... e a pinga, oh! a pinguinha do padre! alambicada especial do tio Juca.

Depois do almoço, a sesta do padre. Lá pelas 2 horas da tarde, ele atrelava o Limão na charrete e o padre la "simbora", não antes de dar uma benção "geralmente" prá todo mundo. Até o mês que vem! Mais trinta dias de semi-jejum pro santo Damião.

Outra coisa que me lembro do padre Damião: Ele dizia que as pessoas, quando analisadas em separado, eram em geral boas; mas os grupos eram ruins. E não posso deixar de olhar assim os políticos da nossa terra. Os vereadores analisados em separado são boa gente; quando se agrupam são uma calamidade. Alguns chegam até a viajar pras estranja pra não votar. Nem sozinho ele se salva. O prejudicado é o povo, que os elegem. Na hora do voto procedem como o burro Limão. Depois passam o resto da vida jejuando que nem o padre Damião.

O Bartimeu

RESTAURANTE E WYSKERIA

— DON GUIDO —

ONDE COMER BEM

NÃO É SÓ UM PRAZER, MAS
TAMBÉM UM PRIVILÉGIO

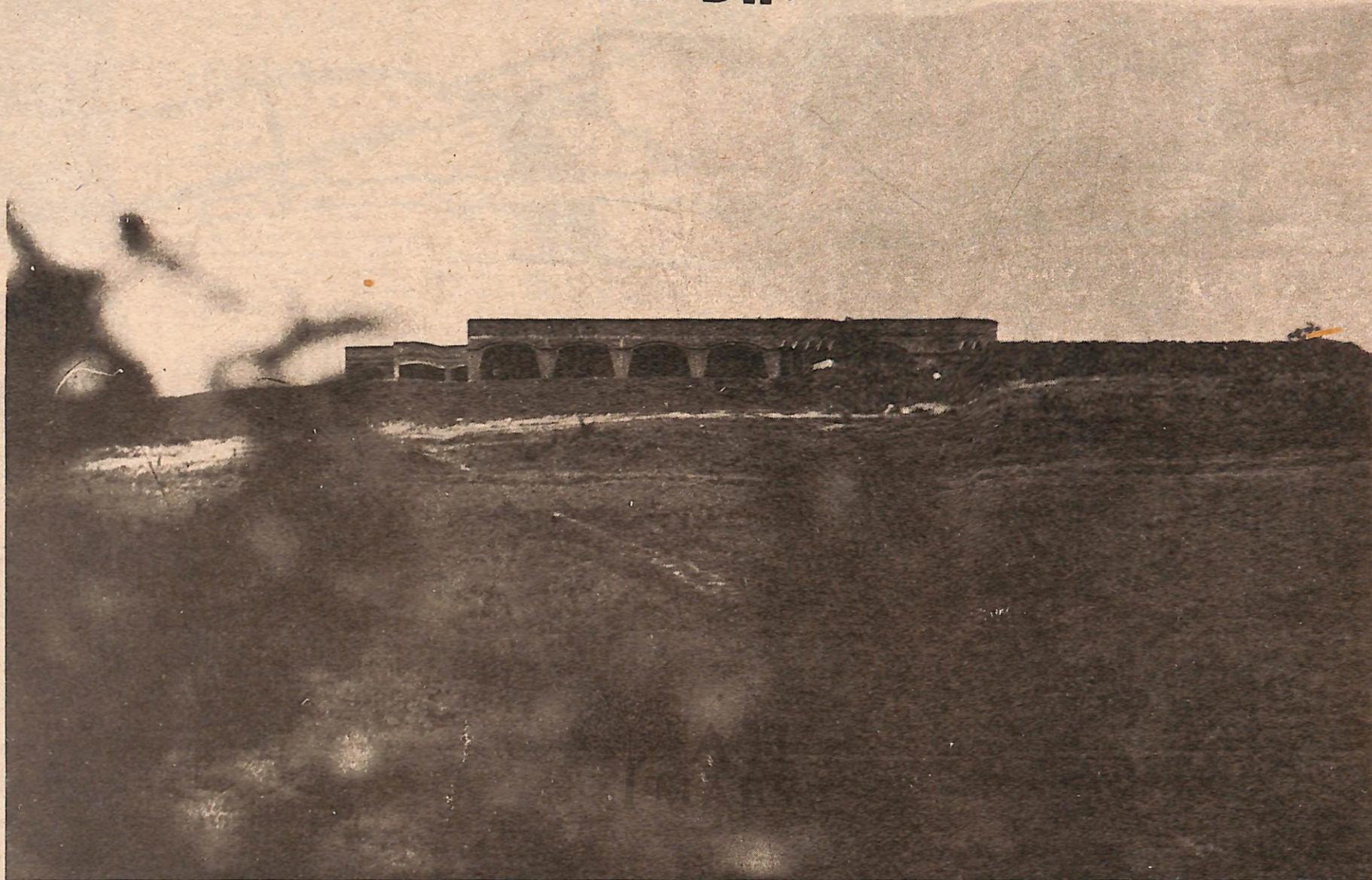
JÁ EM FUNCIONAMENTO

RUA DO ROSÁRIO, 670



MORADA MEDITERRÂNEA

O ENDEREÇO CERTO PARA V. MORAR EM JUNDIAÍ,
NA ZONA CÂMPESTRE VIP DA REGIÃO VINHATEIRA.

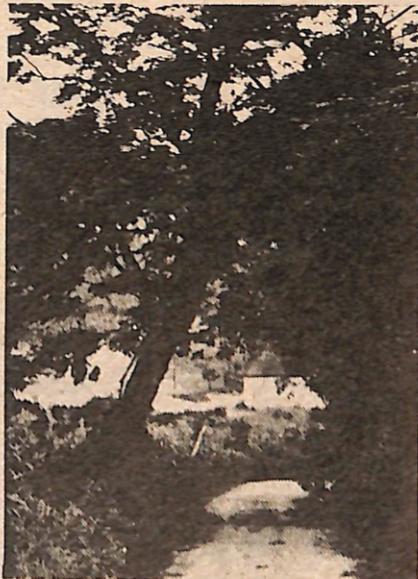
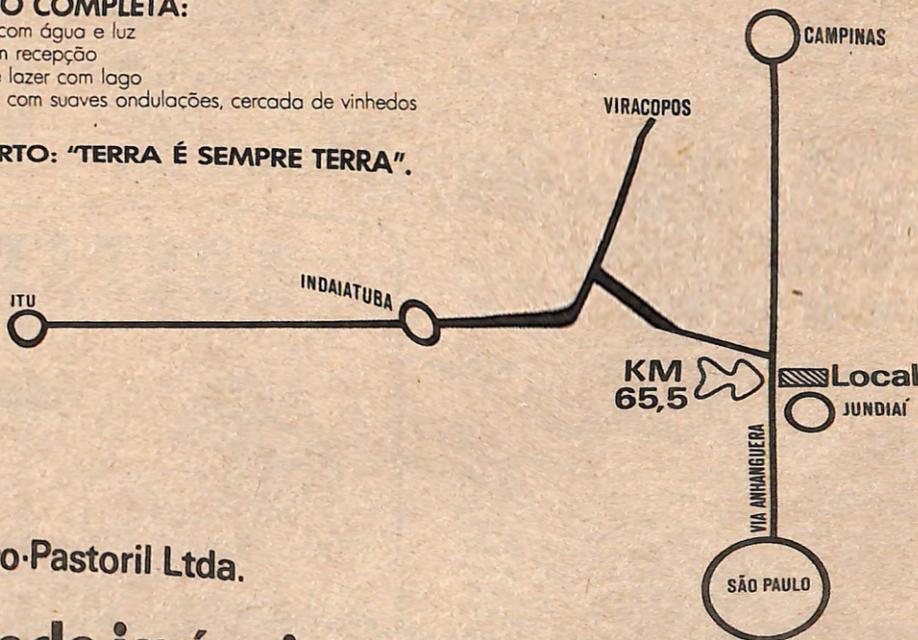


Morada Mediterrânea foi planejada para proporcionar todo o conforto e toda a tranquilidade aos empresários, executivos e profissionais liberais que atuam no eixo São Paulo-Jundiaí-Campinas. Todos eles precisam viver bem perto de seus locais de trabalho, mas suficientemente longe das áreas industriais da região. Morada Mediterrânea é campestre, com todos os encantos e virtudes de uma paisagem privilegiada preservada para você.

URBANIZAÇÃO COMPLETA:

- lotes de 5000 m² com água e luz
- local fechado, com recepção
- áreas verdes e de lazer com lago
- amplas paisagens com suaves ondulações, cercada de vinhedos

* APLIQUE CERTO: "TERRA É SEMPRE TERRA".

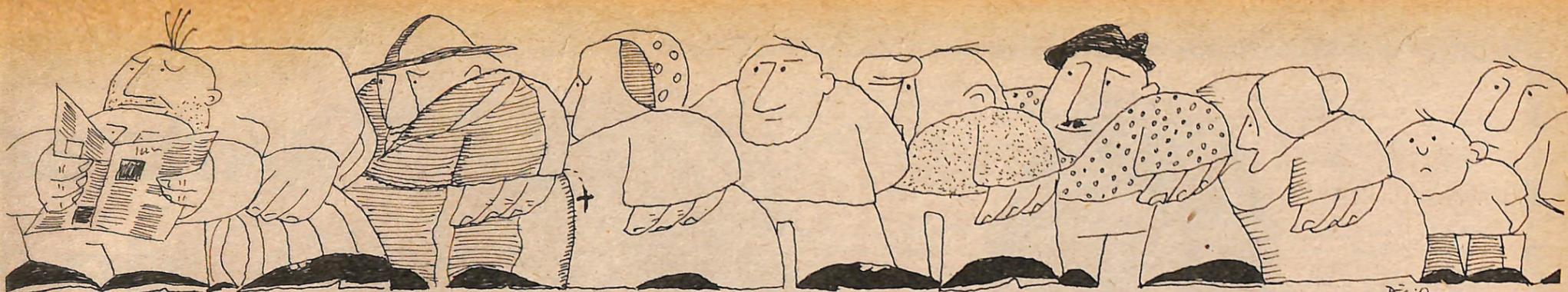


Empreendimento:
Romito Agro-Pastoril Ltda.

Vendas:

Orvando Imóveis
R. Barão de Capanema, 348, Jm. América, SP Tels.: 81-2287 - 282-2050 CRECI 4112

CORRETORES EM PLANTÃO PERMANENTE NO LOCAL



Jornais grandes e pequenos

Plantão

— O menor abandonado é a testemunha de acusação de uma sociedade desorganizada.

Ouvi o promotor Alberto Marino Junior (do II Tribunal do Júri da Capital) dizer isso e nunca mais esqueci. E voltei a me lembrar dessa frase agora que diversos dirigentes do Sindicato do Comércio Atacadista de Tecidos, Vestuários e Armarinhos de São Paulo se reuniram para discutir uma série de assuntos referentes às festas de fim de ano.

Os senhores comerciantes distribuíram aos jornais um impresso, com o título "mendicância e trombadinhas contra o turismo em São Paulo". Algumas afirmativas lapidares fazem parte do tal documento. Um trecho:

—... embora sintam o lado humano do problema, a situação está a merecer uma ação mais rígida por parte de nossas autoridades, ante os quadros deprimentes e a insegurança de turistas e público em geral. A apreensão dos empresários é maior dada a proximidade das festas de fim de ano, pois esse clima de intranquilidade se reflete no próprio comércio e, por extensão, em nossa vida econômica.

O documento (?) distribuído pelo referido Sindicato fala, ainda das "cenas deploráveis, com adultos explorando crianças portadoras de defeitos físicos, ensinadas a se tornarem inclusive agressivas ante a recusa dos transeuntes em lhes dar esmolas. Tudo isso, acham os dirigentes do Sindicato, são problemas "negativos" sob todos os aspectos para a cidade,

sua população e o turismo".

Foi uma das notas mais lamentáveis do ano de 1975. Em primeiro lugar, porque os menores abandonados e as crianças defeituosas, dizem os comerciantes, prejudicam a imagem da cidade na época do Natal. Para início de conversa, os comerciantes se lembraram de algumas coisas, mas não se lembraram daquele que faz aniversário no dia 25 de dezembro: Jesus. O Mestre veio atender a todos — conversava com os publicanos, com as prostitutas, com os marginalizados. Com os comerciantes...

Os comerciantes, deturpadores do sentido autêntico do Natal, querem vender. E só vender. Pelo jeito, querem que as crianças defeituosas sejam retiradas de circulação, para não atrapalhar suas iluminadas vitrinas "natalinas". Em suma, querem Polícia.

Querem que a Polícia retire as crianças defeituosas das ruas para os turistas e fregueses não ficarem mal impressionados.

Querem Polícia para acabar com os menores. Para garantir suas caixas registradoras.

Só se esqueceram (se é que sabem...) do fun-

damental: esse problema, senhores comerciantes, não é de Polícia.

Se os senhores querem, como dizem em seu documento, "uma ação mais rígida por parte de nossas autoridades", é porque ignoram, talvez, que São Paulo é uma cidade com cerca de 400 mil menores abandonados.

Mas, se os senhores estão tão preocupados com o problema, deveriam sensibilizar-se em outras épocas, também, e não só no fim do ano. Problemas sociais desse tipo, senhores, somente serão resolvidos quando houver um interesse verdadeiro da comunidade em resolvê-los. Pensar que a solução cabe às autoridades, à assistência social, aos donos das ambulâncias, é uma forma simplista de ver as coisas.

Se alguns dinheiros forem retirados de seus bolsos, senhores comerciantes, as entidades que lutam contra esses problemas teriam mais forças e os senhores não teriam do que se queixar.

Enfim, é muito mais fácil jogar as pedras, esquecendo-se do telhado de vidro que possuem.

Em suma, senhores: à Polícia não compete eliminar os desajustes sociais. Isso que tanto revolta os senhores, mas, mas é pelo que os turistas possam ser afetados, são algumas consequências de uma sociedade da qual os senhores fazem parte — desorganizada.

Como diria A. Dumas, filho: "a pobreza destrói o orgulho; é difícil que um saco vazio se mantenha de pé".

Percival de Souza

Hà os que, como o onipresente escritor João Antonio, a chamam de **imprensa nanica**. Ou os que, como Alberto Dines, crítico de jornais, preferem a sofisticação de **imprensa alternativa**. O fato é que as bancas foram inundadas de pequenos jornais, formato tablóide — e pelo que se pode depreender, consumidos por público limitado mas fiel.

Qual é a razão do fenômeno? Teriam os pequenos jornais descoberto uma fórmula infalível para arrebatar leitores? Seria o tamanho? Existe uma tradição na imprensa paulista, inexplicada até agora, segundo a qual os jornais tamanho tablóide estão fadados ao fracasso. Seria o uso de novas e revolucionárias técnicas jornalísticas? Não há nada neles que se pareça com uma grande revolução gráfica, e muito menos os seus textos podem ser considerados como os mais inventivos. Pelo contrário, em alguns deles, a linha de texto é seca, dura, quase desagradável.

É possível até que o fenômeno tenha implicações políticas. Aliás, é inevitável que tenha.

A chamada **grande imprensa** perdeu de há muito (e isso, naturalmente, na parte da chamada grande imprensa que o possuía antes) o seu espírito crítico. As mal assimiladas lições de **objetividade**, que se tornaram uma espécie de mito intocável de todos quantos absorveram as lições da grande imprensa norte-americana, acabaram transformando o grande jornal num enorme mosaico de informações, mas sem vida, sem veia crítica, sem opinião, praticamente sem vértebras.

A **objetividade**, que é uma das primeiras lições que se aprendem não diria nas escolas, onde a teoria sempre sufoca a prática, mas nas Redações, tem sido levada pela chamada **grande imprensa** a extremos tais, que há jornalistas que chegam a confundir-la com falta de opinião, ou com isenção doentia-mente radical diante de todo e qualquer fato que diga respeito ao corpo social. Então, de objetivos, os jornais foram-se tornando anódinos, e de anódinos em superficiais. A falta de qualidade de um jornal redundava sempre no declínio do seu prestígio perante o leitor, que passa a desconfiar de sua credibilidade. Em consequência, como ele tem que sobreviver, empresa que é, passa a substituir a sua única e honesta geração de fonte de

renda — a qualidade, aliada e consequência da credibilidade — por barganhas de ordem comercial, ou de ordem política, ou de qualquer outra ordem tão escusa como estas duas. Então ele morre como jornal e passa a ser apenas veículo das mensagens passíveis de redundar em lucros.

Eis aí uma das razões do pelo menos aparente declínio da chamada grande imprensa, e consequentemente, do fortalecimento dos pequenos jornais, não tão sólidos economicamente, desvinculados de esquemas de comprometimento, mas fiéis à sua tarefa de **criticar, esclarecer, debater, levantar questões, discordar, opinar, explicar, esclarecer**. Enfim, quase uma volta ao messianismo das panfletárias folhas impressas do século passado, e que se arvoravam em paladinas da verdade e da justiça; enfim — jornais de **idéias**.

Essa espécie de **retorno**, é bem verdade, tem causas outras, como a dificuldade da livre veiculação de informações. Mas há causas também palpáveis, como a cupidez de alguns jornalistas, o tráfico de influências, a troca de favores, o excessivo atrolamento ao poder e a falta total de uma postura já não diríamos crítica, mas pelo menos independente em relação a esse poder, de quem essa parte da imprensa é às vezes caudatária e até vassala.

A omissão, e às vezes o peleguismo da chamada **grande imprensa**, só tendem a abrir campo para o crescimento dessa imprensa menor.

Isso não significa porém, o desaparecimento e nem mesmo o enfraquecimento econômico dos jornais maiores. Eles continuarão sendo a primeira opção do leitor, que não pode prescindir do superficial do dia-a-dia. O jornal grande dará sempre melhores informações sobre a programação da tevê ou o jogo de futebol de ontem. Isso no campo meramente factual. O jornal pequeno será sempre o segundo, o **complemento** do jornal grande. Porque a sua força é originária da sua capacidade de oferecer **algo mais**, um material mais profundo para análise e reflexão, mas não pode, por sua própria estrutura competir no campo da simples informação.

O jornal pequeno terá sempre um número menor de leitores, e neste caso o número não deve lhe importar, desde que seja suficiente para garantir-lhe a sobrevivência. O que importa neste caso é a leitura qualitativa e não quantitativa.

Esse é o panorama atual, que guardadas as devidas proporções de nomenclatura, está irradiando das capitais para o interior, onde os pequenos jornais também estão começando a florescer, refletindo exatamente o mesmo fenômeno de oferecer-se como alternativa crítica aos jornais que tem muito espaço e nada a dizer.

Talvez seja um fenômeno episódico, e num improvável acesso de auto-crítica os jornais maiores se dêem conta da sua vacuidade e superficialidade, e voltem a assumir um papel mais vigilante. Por enquanto isso parece difícil.

Enquanto o **inchaço** publicitário for diretamente proporcional ao vazio de idéias, é provável que seus empresários acreditem que uma coisa deriva de outra e continuem estimulando o decréscimo de qualidade, que para sua sorte (deles, empresários) implica também em custos menores.

Por enquanto, os dois tipos de jornais, o grande e o pequeno podem perfeitamente coexistir. Um continuará sendo complemento do outro.

Algum dia, talvez, a síntese das duas fórmulas será encontrada, e com isso poderão ganhar o jornalismo e sua razão de ser — o leitor.

Sandro Vaia





Dois garotos, de Oswaldo, foi a única foto brasileira de 71 em Berlim

OSWALDO

Oswaldo Willy Fehr começou fotografando seus três filhos, para ilustrar o álbum da família. Isto, há 25 anos. Ele nasceu em Jundiaí em novembro de 1911; descendente de alemães, deles herdou seu temperamento calmo e muito organizado.

Ele documentou o crescimento de seus filhos, o que lhe dava um prazer muito grande. Com o tempo, foi descobrindo publicações fotográficas onde mostravam vários equipamentos e foi criando seu interesse em novas descobertas.

Assim aos poucos, ângulos e motivos novos levaram a pesquisas e melhoramentos gradativamente. A sua entrada no Foto Clube Bandeirante, em São Paulo com sede na rua José Getúlio, 442, São Paulo, deu um impulso muito grande ao seu desenvolvimento fotográfico.

Em 1971, juntamente com outros fotógrafos amadores, entre os quais o Livio Tagliacarne, foi fundado o Foto Grupo Aeolus, na rua Zacarias de Goes, 223, com o intuito de reunir os amantes dessa arte para discussões, excursões nas redondezas para aumentar o acervo fotográfico. Além disso manter correspondência com os inúmeros salões existentes e foi assim que Jundiaí ficou conhecida no mundo fotográfico dos cinco continentes. Oswaldo e Livio participaram em salões nacio-

nais e internacionais, ao todo em 1971, em 29 salões, em 1972, em 50 salões; em 1973, em 30 salões; em 1974 em 3 salões e em 1975 em 6 salões.

O amor pela fotografia representava motivo de reunião, que no fim de semana, quando o tempo permite, faz com que os componentes do Foto Grupo Aeolus realizem excursões nos mais variados lugares para procurar motivos a serem fotografados.

Oswaldo vê a fotografia como "a realização de um instante de arte, sendo instantânea, fixa o momento". Seus trabalhos são também em branco e preto. Ele tenta captar expressões de caminantes de estrada, tirar "closes" de motivos simples, como casca de árvores, demolições, de tal forma que no primeiro momento não se sabe do que se trata, tal a estética e plasticidade que resultam, parecendo algo abstrato.

Em 1957, no anuário do "Foto Cine Clube Bandeirante", foram publicados as fotos expostas no Salão de Arte Fotográfica de São Paulo, as quais estão Sapato, e uma foto sem título, de Oswaldo. De lá para cá tem aperfeiçoado sua técnica no laboratório, devendo muito ao dr. Capello e ao Paulo Pires da Silva, professor em São Carlos, com os quais apren-

deu várias possibilidades de conseguir resultados surpreendentes.

Em 1971, Oswaldo teve a satisfação de receber um diploma assinado pela organizadora Rita Maahs pela publicação de sua foto

Dois Garotos no catálogo "Amor, Amizade e Solidariedade", como único representante do Brasil no Salão de Berlim Oriental na Alemanha, no qual participaram 90 países e somente 475 fotos foram publicadas.

Resumindo os salões em que participaram Livio Tagliacarne e Oswaldo Fehr, nestes obtiveram prêmios:

1971 — Livio, Bélgica, "Diploma de Honra", com Pensativo.

Oswaldo — Bélgica, "Diploma de Honra", com Dois Cisnes.

1972 — Livio, São Carlos, "Menção Honrosa", com Maschera.

1972 — Livio, Salão Internacional, Rio Foto-Arte, Menção Honrosa com Requiem.

Oswaldo — Salão Internacional, Rio Foto-Arte, Menção Honrosa, com Alegre.

1972 — Livio, Londrina, Menção Honrosa com Ting.

Oswaldo, Londrina, Menção Honrosa com Alegre.

1972 — Livio, Salão Nacional de Volta Redonda, Menção Honrosa com Joe.

1972 — Oswaldo, em Angola, Diploma, por Dois Cisnes.

1973 — Livio, Indail, Santa Catarina, Menção Honrosa, Requiem.

Oswaldo, no mesmo salão, Medalha de Ouro com Alegre.

1973 — Livio, Niteroi, Menção Honrosa com Sana.

Oswaldo, Niteroi, Menção Honrosa, com Alegre.

Os mais recentes premios conquistados são: 1975, Livio, São Carlos, 1º lugar com Caboclo; Sociedade de Belas Artes no Rio, Menção Honrosa com Vecchie Mani.

Oswaldo — Sociedade de Belas Artes no Rio, Medalha de Ouro, com Velho João.

A diminuição da participação em salões internacionais se dá devido ao preço muito alto da embalagem do correio, no entanto "proporcionalmente aos trabalhos enviados, houve uma aceitação boa, em poucos salões deixaram de entrar", diz Oswaldo. E assim um premiado em Medalha de Ouro, Oswaldo vê a fotografia como hobby, pois o resto da semana pode-se encontrá-lo num trabalho bem diferente, como Secretário Administrador da Faculdade de Medicina de Jundiaí.

A arte de fazer

Tudo começou com um químico-mágico que correndo o risco de...

Vieram depois as capacidades de copiar plástico levava m...

Fim da arte plástica valor artístico a m...

Ficasse bem claro a E se a arte sua...

suas ex-máquinas ná tar, reportar: casm...

Até que o espírito tista mais ousado. E...

luz, trabalhou os nga bruxaria: a cena tiv...

caindo, da parede sh dramático ou maiste...

magia do daguerró nova. Três desses or...

Sujeito simpático, Livio Tagliacarne não gosta de contar sobre suas conquistas na arte fotográfica. Nascido em Milani, Itália a 14 de junho, morava perto do famoso fotógrafo de renome internacional, Galimbert, e sendo menino curioso, foi contagiado pelo seu entusiasmo e também se apaixonou pela fotografia.

Desde 1952 está no Brasil, tendo feito vários cursos, entre

os quais a razão B... Arte Fto São Paul balhad... como pr... foi coa... Editora A... mente u... apenas... sendo su... técnico... televiso...

O seu... fotografic... constata... meros s... nais e m...



Oswaldo Willy Fehr

Francisco Alves de

Arte mágica Fazer click

ou com o daguerreótipo, um processo físico-que reproduzia coisas e pessoas, as pessoas de "perderem sua alma", quando daguerreotipa-

as máquinas fotográficas, também mágicas na ótica, com absoluta fidelidade, aquilo que o artista deseja para conseguir.

elástica? Ao contrário! Jamais se poderia atribuir um processo mecânico, um "click" sem alma. Arte é arte, fotografia é fotografia.

naia rejuvenescida da briga, os pobres fotógrafos e máquinas pareciam condenados a reportar, reportamentos, desastres, 3x4, propaganda.

rito de um bruxo deve ter reencarnado num retrato. E ele regulou diagramas, escolheu nuances de negativos, fotografou, refotografou até que se deu a rival da rua, do homem e seu cachorro, da chuva esburacada, tudo começou a sair diferente, mais sereno que a realidade. A fotografia reassumia a do tipo, voltava a dar alma às coisas, uma alma bruxos, redivivos em Jundiá, falam sobre ela.

LÍVIO

ais da Confederação Brasileira de Fotografia, em São Paulo. Tem trabalhado muito tempo profissional e laborador da revista Abril. Atualmente a fotografia é para ele um hobby, sua profissão de rádio e televisão.

eu amor à arte mágica pode ser tratado pelos inúmeros salões nacionais e internacionais

em que tem participado. Desde 1973, foi fundado em Jundiá o Foto Grupo "Aeolus", a fim de reunir vários elementos apaixonados igualmente por fotografia, cuja sede é na casa do Lívio, usada como endereço de correspondência, conhecida pelo mundo todo, devido a promoção de obras expostas.

Para o Lívio, a foto é uma mensagem que tem que transmitir algo além do simples-

mente exterior e trabalhada, se possível de tal forma que pareça uma pintura. Suas fotos são todas somente em preto e branco. A fotografia representa também uma perda de tempo e dá muito sacrifício.

A fotografia é um instante captado, principalmente uma preocupação de detalhes. O Lívio não tem fotografia de família, "o que menos o fotógrafo tira é fotografia de família".

O seu mais recente prêmio foi **Medalha de Bronze, com Andarilho** (capa) no XXXII Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo, Salão Portinari, Praça Roosevelt, de 18 a 28 do mês passado.



Francisco Queiroz



Lívio Tagliacarne

O mais jovem dos três entrevistados, nascido em Manaus a 13 de junho de 1945, é muito conhecido pelo seu trabalho. Sua odisséia no mundo fotográfico começou aos oito anos de idade, quando recebeu de presente uma máquina caixa Kapsa, que guarda até hoje como recordação. Como detalhe interessante, conta Queiroz, lembrando sua infância como fez sua primeira revelação, "fiquei embaixo da cama de minha mãe com o lençol tentando impedir a entrada da luz. Não ficou boa a revelação, mas foi um impulso para mais tarde continuar nesse ramo, pois a sensação de ver um trabalho feito por mim foi grande".

Desde 1961, Francisco Alves de Queiroz está em São Paulo e a partir de 1964, em Jundiá. Durante esse tempo, suas fotos foram para álbum de família feitas com várias máquinas. Entrando no Exército, conseguiu realizar um sonho e comprou um ampliador. Era conhecido entre seus colegas por causa dessa sua mania e aos poucos conquistou a simpatia justamente por isso, ao tirar fotos deles e vendendo-lhes em seguida.

Em 1966, Queiroz fez o Curso Básico de Fotografia na Kodak em São Paulo, aperfeiçoando a sua técnica, até então muito elementar.

Foi com o concurso de Reporter Amador do Diário de Jundiá, em 1968, que o jovem fotógrafo começou a ser conhecido pelo público. Suas duas reportagens, uma delas ilustradas sobre a **AJPAAE**, conquistaram o prêmio extra de fotografia, no valor de 70 cruzeiros. Foi o primeiro dinheiro ganho dessa forma, e representa muito na vida de Queiroz. Assim, mesmo continuando no Exército, foi contratado como **free-lancer** do Diário de Jundiá, recebendo um salário mensal.

O ano de 1973 foi muito importante na vida de Queiroz, pois, no Concurso Nacional de Fotografias do Exército, ganhou o 1º lugar em Branco e Preto e 1º lugar em Colorida, no Estado de São Paulo, e posteriormente, 1º lugar em Branco e Preto e 3º lugar Colorida, no Brasil. Em 1973, ficou em 3º lugar no I Salão de Fotografia de Campo Limpo

Paulista, ganhando um prêmio de viagem ao Rio de Janeiro.

Queiroz, atualmente trabalha como reporter-fotográfico no Jornal da Cidade, mas encontra tempo para continuar seu aperfeiçoamento, o que demonstra suas inúmeras exposições em vários salões de fotografia. A sua disposição de elevar a fotografia como arte, foi a meta ao fazer a primeira individual nesses moldes em Jundiá, na Jundi-Hobbies, em julho deste ano, sendo visitado por mais de 500 pessoas.

Sua última participação foi como convidado do III Encontro de Artes do Colégio Técnico Luiz Rosa, em setembro. Atualmente está expondo na Cinótica em São Paulo, além de ter fotografias em Londrina, no Paraná e em Santa Catarina.

Ele ama sua profissão, e não saberia fazer outra coisa além disso. Na porta do laboratório fotográfico do Jornal da Cidade tem um lema que bem expressa a sua filosofia em relação à arte fotográfica: "O maior de todos os desafios a um fotógrafo é exprimir o conteúdo interior através da forma exterior". (Queiroz).

QUEIROZ



Negrinho, de Francisco Queiroz

ORÇAMENTO-76: O FIM DA PICADA

Embora desfalcada de dois de seus tradicionais comporientes - vereadores José Sílvio Bonassi e Lázaro de Oliveira Dorta - a maioria alinhada à atual administração de Jundiá garantiu na última quarta-feira a tranquila aprovação do projeto de lei que estima a receita e fixa o montante das despesas do Município para 1976 em Cr\$ 470.049.000,00

No apocalipse, uma nova derrota da Arena?

Aprovar, rejeitar ou abster-se. Essas eram as tres opções ou alternativas diante das quais estavam os nossos vereadores, na sessão ordinária da última quarta-feira, quando lhes foi dado deliberar sobre a proposta orçamentária do Município para o ano de 1976. A primeira opção seria dar como certos, corretos e eficazes os numerosos itens da peça; a segunda, dar como mirabolantes, fantásticos e absurdos os dados e tabelas constantes da proposta; abstendo-se, estariam os vereadores alienando-se do indeclinável dever de estudar e criticar tão importante matéria, assumindo uma posição de conformismo e cômoda indiferença, senão de insensatez.

Essas tres alternativas foram lembradas, na tribuna, pelo vereador José Rivelli, ao discorrer sobre tal projeto do prefeito do Município. Não se esqueceu ele também de frizar que "não foi para desertar ou ausentar-se de suas atribuições" que a Edilidade jundiáense foi composta pelo eleitorado local no pleito de novembro de 1970. Esta quarta opção tinha sido a escolhida por dois dos integrantes do nosso Legislativo: os srs. José Sílvio Bonassi e Lázaro de Oliveira Dorta.

Mas o vereador José Rivelli, prosseguindo nas suas considerações sobre a peça orçamentária, não titubeou em fazer logo a seguinte assertiva: se os eleitores jundiáenses tivessem acesso à leitura e compreensão da mesma, certamente haveriam de repudiá-la como incompatível e discordante da realidade econômica e administrativa do nosso Município. "Como projeto indistigavelmente lesivo ao erário municipal e ao futuro político-administrativo de Jundiá, como abusiva resolução do Executivo, que no momento não ignora quanto será inútil, inócuo e inoperante o voto" - disse Rivelli, - "apesar dos pesares sou pela rejeição dessa peça orçamentária pelas desastrosas perspectivas que nela serão geradas".

E a seguir leu da tribuna, endossando plenamente, todas as considerações feitas no "estudo minucioso, oportuno e corajoso" apresentado pelo **Jornal de 2ª Feira**, em sua edição de 10 a 16 do corrente mes, sob o título: "**Fim do Governo: Apocalipse**".

Na conclusão da feitura desse artigo, Rivelli fez a justificativa da posição que estava assumindo, como segundo vereador mais votado da bancada da ARENA, afirmando que é dever do partido situacionista "defender os sagrados direitos do povo e dos contribuintes", pois "se o partido se abstém dessa atribuição, dela se fará arauto o MDB e com razão".

"Nessas condições" - prosseguiu - "bem se vê que o atual prefeito municipal, na sua orgia de gastos e mau emprego do dinheiro público, já antecipa a derrota de seu próprio partido nas próximas eleições municipais. Note-se que em muitos municípios o MDB venceu não porque haja realizado algo em benefício do povo, pois, até então, não fôra governo; venceu porque a Arena dissociou-se da administração dos negócios mais altos de suas comunidades; justamente ela, a ARENA majoritária, com o dever de executar o papel habilmente assumido pelo MDB. Aqui em Jundiá, a ARENA já se solapa e se enfraquece pela insensata desadministração do sr. prefeito e de seus aliados e apaniguados. Por isso eu sou contrário à monstruosa proposta orçamentária para 1976" - concluiu.

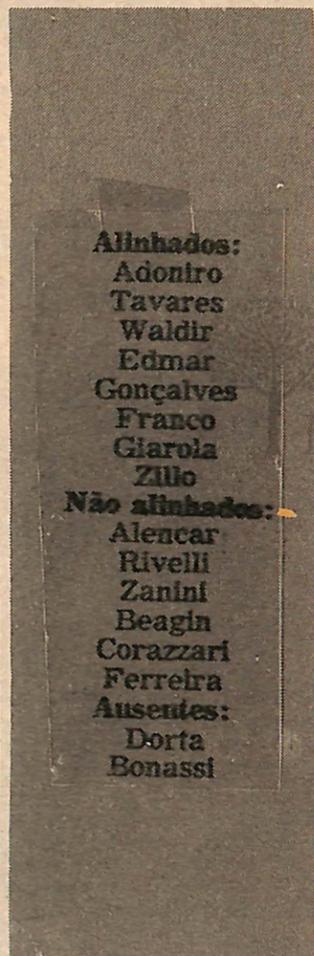
(quatrocentos e setenta milhões e quarenta e nove mil cruzeiros), condenando assim a população jundiáense a viver o mais negro período de sua história não bastassem já os tormentos vividos nesses tres últimos anos, a partir da posse do sr. Ibis Pereira Mauro da Cruz na chefia do Executivo Municipal.

Esse orçamento aprovado pela Câmara, por 8 votos (alinhados) contra 5 (dos não-alinhados), faz ver que o derradeiro ano dessa desastrosa administração transcorrerá em meio a uma orgia de gastos sem par, deixando aos futuros administradores da cidade uma

hedionda herança de dívidas. Consequentemente, muitos anos de "vacca magra" em realizações e outros tantos de "vacca gorda" em ônus para os munícipes. O apocalipse antevisto pelo **Jornal de 2ª** (edição de 10 a 16/11/75), como consequência da prevista aprovação desse orçamento, foi enfocado também pelos vereadores que se manifestaram contrários à proposição, conforme os leitores poderão atestar pela leitura dos pronunciamentos feitos pelo líder da bancada do MDB e pelo segundo vereador mais votado da ARENA, nos textos que seguem



Alencar



Rivelli

No endividamento e no aumento das despesas, o espanto de Alencar

"Tem-se a impressão que o Sr. Prefeito está vinculando a administração à atividade política, por ser seu último ano de governo. Se bem que o Sr. Prefeito em nenhum momento deixou dúvidas sobre a sua desastrosa forma de ver e administrar a coisa pública".

Esta foi uma das impressões manifestadas pelo líder do MDB, Abdoral Lins de Alencar, ao fazer, da tribuna, a apreciação da peça orçamentária de 1976

Desculpando-se por não ser "um técnico em matéria financeira" e, portanto, não estar "em condições de fazer uma análise profunda do orçamento", Alencar prosseguiu sua apreciação, comentando a peça "superficialmente e com muita simplicidade", como ele próprio fez questão de explicar. Segundo disse, nem mesmo adiantaria "um enorme esforço de minha parte, uma vez que aprovado ou não, o Sr. Prefeito tem o poder discricionário de sancionar o orçamento sem o veredito da Câmara".

O líder da bancada oposicionista procurou, inicialmente, fazer uma exposição da evolução da despesa do Município, tomando como base os anos de 1971 a 1975, para demonstrar o que ocorrerá no ano que vem em Jundiá, em matéria de despesa e investimento em obras públicas. Então, dentro desse quadro, deu a seguinte evolução das despesas (em milhões de cruzeiros): 1971 - 15,7; 1972 - 21; 1973 - 30; 1974 - 42,3; 1975 - 65,8 e 1976 - 129,3!

"Sem nenhuma distorção nem o desejo de ser cruel com a atual administração municipal - comentou -, poderíamos classificar o governo do sr. Ibis Cruz de desastroso para o Município. Tanto que, para che-

garmos a essa conclusão, basta imaginarmos que um governo que preza o seu povo gasta o mínimo com sua máquina administrativa e investe o máximo no sentido de atender os anseios da população. É necessário entretanto, que se verifique que investir não significa gastar; gastar subentende-se o superfluo, aquilo que se poderia evitar; agora, o investimento, a meu ver, é realizar com previsão, com planejamento, sem incorrer em desmandos.

"Outro dado importante é a diferença de receita e despesa. Sabemos que quanto mais sobrar dinheiro de receita, mais poderá haver investimento. Ora, em 1971, a receita foi por volta de 29,5 milhões de cruzeiros e a despesa de 15,7 milhões, podendo-se, pois, observar que sobram quase 14 milhões para investir, percebendo-se perfeitamente que Jundiá contou com um orçamento pequeno e despesas contidas para investir o mais possível. Enquanto isso, nestes tres anos de governo do Sr. Ibis, provocando aumentos abusivos de impostos e taxas com orçamentos vultosos, os investimentos foram bem menores."

Em sua exposição, Alencar destacou que o orçamento do próximo ano, sendo o maior já previsto em Jundiá, apresenta uma receita da ordem de 152 milhões de cruzeiros para uma despesa de 130 milhões, deixando prever um investimento de apenas 22 milhões. "Isto é a filosofia do sr. Ibis: quanto maior for a receita, maior também serão os seus gastos com a administração e menor com o investimento em obras para o bem de todos", censurou.

Outro dado assombroso desse orçamento, e que foi destacado por Alencar em sua análise da proposta orçamentária, refere-se ao montante dos empréstimos previstos, ou seja, Cr\$ 180 milhões, quando a despesa é elevada de 65,8 para 129,3 milhões, observando-se, ainda, que só com o pessoal civil da Prefeitura, a despesa, que em 1973 era de Cr\$ 11,7 milhões; em 1974, Cr\$ 14,6 milhões e em 1975, Cr\$ 21,1 milhões, será elevada em 1976 para Cr\$ 37,2 milhões.

"Por estes dados - comentou o vereador - verifica-se que o sr. Prefeito nunca conteve as despesas com sua máquina administrativa; muito embora anunciasse um progresso de minuto em minuto, o que se viu foi uma elevação dos gastos com sua administração, em milhões, de minuto a minuto"

Outro aspecto que foi objetivo de sua análise é o referente à chamada verba de terceiros, ou serviços de terceiros, que, já de há muito, vem sendo por ele classificada como "verba pessoal do Sr. Prefeito", como aquela que os deputados tinham antes da revolução de 1964.

E, complementando sua apreciação, lembrou que "é enorme o esforço do governo federal no sentido de sanear as finanças no País, tanto que encaminhou ao Congresso um projeto limitando o endividamento dos municípios, enquanto que, em Jundiá, o prefeito já endividou o Município muito além do que essa nova lei irá permitir". "Se para o orçamento de 1976 estão previstas despesas de juros de 22 milhões de cruzeiros, imaginem, emprestando mais 200 milhões, quanto iremos pagar de juros anuais, quebrando completamente a capacidade do Município de investir em obras prioritárias a partir de 1977. Pois sabemos que o sr. Ibis, no ritmo que vai, não realizará as obras de infraestrutura e deixará o Município seriamente endividado"

FINALMENTE, A SUA GRANDE CHANCE DE ADQUIRIR UM VOLKS 1300 "O KM" POR Cr\$ 495,00 MENSAL!

Pagamento em 60 meses.

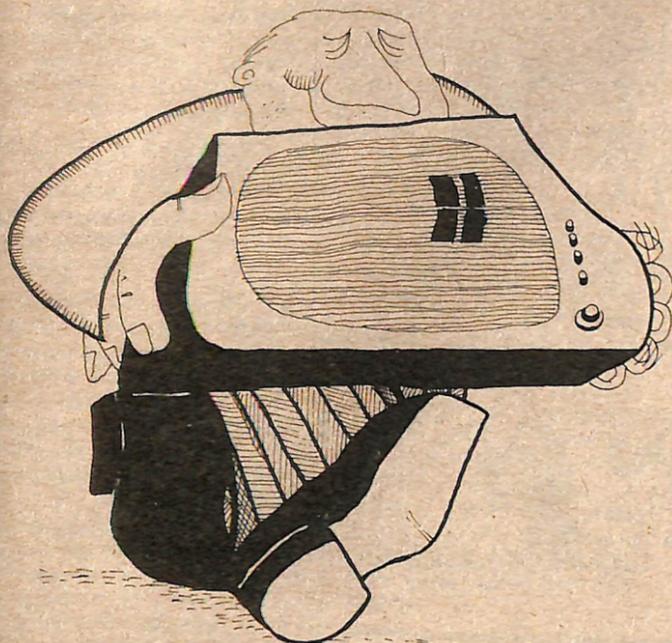
Lances e sorteios todo mes. Comercial Liberato faz a entrega. W. Mazziua vende. Já aberto o 3º Grupo. Rua Senador Fonseca, 909 - Fone: 4.2642

BENEFICENTE DE OFICIAIS DO EXERCITO
BOA
GRÊMIO REPRESENTANTE LOCAL
BENEDITO ARAÚJO
TENENTE R-1
RUA PIRAPORA, 410
TELEFONE: 6-7363

JUNDI HOBBIES
BRINQUEDOS
PEÇAS P/ DECORAÇÃO
TUDO PARA PINTURA E DESENHO
rosário. 550
fone. 4 3187

NATAL COLORIDO SILVATEX
BARÃO, 919
TELEFONE 67178

O homem que nasceu de novo



Ela chamou o silêncio com um grito incontido no bordado.

O marido, absorvido, cumpriu o amigoso, acenou, abanou para o altivo cavaleiro que galopava ligeiro vídeo adentro, no que não foi correspondido nem notado. Saudou novamente... Nada. Bruscamente, espumando em revolta, saltou do sofá e agarrou-se às abas da tela da televisão, enfiando a mão em cena. Exigindo uma retratação ao menos. O cavaleiro se sentindo perseguido por um inimigo fora do script, saltou do cavalo e, apavorado escondeu-se por entre arbustos, tremeliconfuso ante tamanha surpresa do destino e suas costumeiras linhas tortas. O telespectador crescentemente ofendido não se deu por satisfeito, obstinado desandou a arrancar arbustos e os jogar na saleta, pouco se importando com o desfalque do cenário. O cavaleiro sumiu atrás duma montanha; o outro, notando a artimanha, enfiou a cabeça em cena, também, esticou mais o braço

direito, sem soltar o esquerdo — lógico, pois do contrário cairia em pleno deserto do Arizona.

Sem muito esforço abraçou a montanha e jogou-a no tapete já sujo, sem importar-se com os justos protestos cabisbaixos da mulher. O cavaleiro fugia em prudente zigue-zague pelos cactus, no entanto o telespectador, insensível às alfinetadas, arrancava-os e os jogava no sujo tapete. A mulher do telespectador agarrou o marido pelo pescoço e tentou puxá-lo à tona, inutilmente, resolveu buscar os vizinhos.

O cavaleiro, aproveitando-se da trégua, voltou a correr segurando o chapéu; entrou numa cidade fantasma e, refolegante agriçou-se num Saloon deserto. Qual um dedo de Deus, o telespectador ofendido apalpava o assoalho e emitia grunhidos odiosos na procura do cavaleiro prepotente, que, por precaução pendurou-se no lustre balanço de medo. Quis a sorte do cavaleiro que, quando o dedo perseguidor roçou-lhe os

fundilhos houve um providencial corte na filmagem, além do prédio abandonado ameaçar ruir.

Mas a escuridão não conteve a fúria do telespectador, o qual, sem nada temer, saltou em cena de corpo e alma, resoluto.

Agora, reduzidos ao mesmo tamanho a luta prometia não mais ser desigual como a princípio. Entretanto, o cavaleiro, aproveitando-se da escuridão, fugiu para um Comercial e, covardemente, subiu num guindaste prensador e abocanhou o telespectador que, por sorte, recebeu o reforço dos vizinhos segundos antes do suposto desfecho fatal. Dentre os vizinhos, o Sr. Moreira, era o mais sensato, certamente, desligou o relógio e pôs fim àquela luta desigual. E como não havia jeito de desintrinchar o telespectador do televisor desmiolado, sugeriu-se os encaixotar na embalagem de fábrica do segundo, do ex-televisor à cores. Após muito falar convenceram a esposa que seria de bom alvitre conduzi-lo primeiramente ao psiquiatra e, depois, sim, ao técnico em eletrônica.

Minutos depois um séquito silencioso adentrava o pátio do sanatório, pisando em ovos; e revezando de mão em mão o bojudado televisor-grávido. O nascituro, ansiando à luz qual um reencarnado, agitava-se sob o madastro ventre, inconsciente de que poderia rolar escada abaixo. E atônitos - médicos, enfermeiros, vizinhos e curiosos - presenciaram o parto (reparto?), parcialmente normal: bebezão semi nú, válvulas nas mãos, rosário incompleto de dentes; e excesso de robustez e, porisso, o televisor não resistiu. - Bacia estreita - afirmou o técnico, categoricamente.

Sergio Ney

Colégio Ana Paes realizou II Expo Artes

O Colégio Ana Paes, teve na sua II Expo Artes, nos dias 25 e 28 de novembro, uma mostra do resultado dos trabalhos dos alunos nas disciplinas de Artes Plásticas e Artes Industriais, desenvolvidos durante o ano letivo. Todos os anos o Colégio tem feito exposições, mas era apenas de Artes Plásticas ou só de Artes Industriais. Em 74, o diretor Milton Lupinacci Pinto, resolveu fazer uma reestruturação, passando a ser uma mostra de ambas as disciplinas, criando para isso outro nome: **Expo Artes**.



A organização da II Expo Artes ficou ao cargo das professoras Maria Aparecida Torquato, na disciplina de Artes Plásticas, na qual participaram alunos das 7ªs, 8ªs, e curso Colegial, e da professora Maria José Helbling Malpaga, na disciplina de Artes Industriais, com alunos das 7ªs, e 8ªs séries.

Em Artes Plásticas, com estilos e tendências diversas, variando a técnicas desde o guache até quadros a óleo, foram obtidos alguns resulta-

dos surpreendentes. Os quadros de maneira geral, apresentavam mais tendências ao figurativo, mas de cores vivas, e alguns poucos estudos muito bem elaborados de acromático e cromático de figura tiradas de fotografia de revistas.

Em Artes Industriais foram apresentados trabalhos em couro, artesanato, colagem,

arte linear, metal, madeira, estamparia, apresentando pela sua variação a diversidade de trabalhos estudados durante o ano, e um aproveitamento bastante satisfatório, principalmente sabendo das dificuldades que Artes Industriais tem que enfrentar, devido a falta de instrumental necessários para desenvolver os seus trabalhos.

(Regina Dragiça)

AAPJ promove primeira coletiva dos associados

A Associação dos Artistas Plásticos de Jundiá, em comemoração aos seu aniversário de fundação, dia 14 de outubro, fará realizar sua I Exposição Coletiva dos Associados da AAPJ, nos dias 4, 5, 6 e 7 deste mês, no Gabinete de Leitura Ruy Barbosa.

A Associação tem por finalidade divulgar e estimular o aperfeiçoamento da cultura artística do Município,

apoiando seus associados no desenvolvimento de suas atividades artísticas, Visa especialmente os estudos e/ou divulgação das Artes Plásticas, procurando facilitar a sobrevivência dos artistas e os meios de sua afirmação mediante apoio, divulgação e a adoção de providências em benefício da arte.

Depois da realização do seu I Salão de Arte Contemporânea, em junho deste ano

no Museu Histórico e Cultural de Jundiá e da exposição coletiva em São Paulo, na Galeria Eucate Expo, durante 20 dias, indo de junho a julho, denominada A Arte de Jundiá, ~~prolongando a continuidade~~ ao seu programa, divulgando e incentivando os seus associados, principalmente os artistas amadores e principiantes.

(Regina Dragiça)

SUPERMERCADO ELIAS



ONDE OS PREÇOS SÃO SEMPRE OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

FOTOCOPIADORA MALTONI



nós temos o melhor serviço de xerox da cidade.

rosário, 618 - tone: 6-8460

DOCEIRA JUNDIÁ

DISTRIBUIDORA DE:
doce

balas
chocolates

DE TODAS AS MARCAS

DISTRIBUIDORA EXCLUSIVA NA REGIÃO DO PANETONE 900
RUA DR. TORRES NEVES, 292 - 6.7400
O TELEFONE DOCE DA CIDADE

DISTRIBUIDORA KINHO

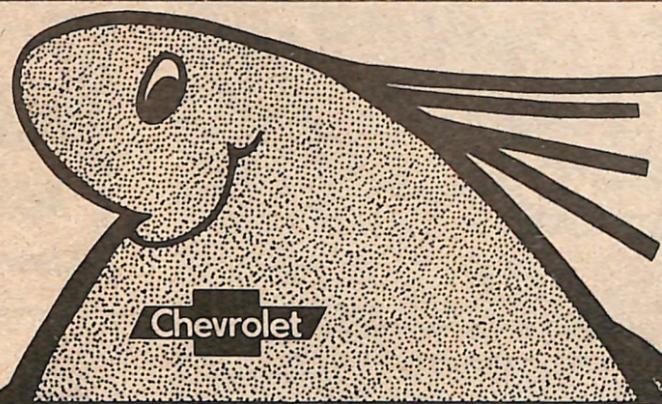
FRIOS E LATICINIOS EM GERAL
ATACADO E VAREJO

nery aparecido rodrigues

rua marechal deodoro n. 282 fone 6-7521

JORNAL DE 2ª FEIRA

FONE: 4.2759



Entre a felicidade de possuir um Chevrolet e o ótimo atendimento Luchini, fique com os dois. **Luchini**

R. BARÃO DE TEFFE, 700 - FONES 40277 E 61277
R. VIGÁRIO J.J. RODRIGUES, 992 - FONES 66421 E 43165

STUDIO DECIO

"FEITICEIRA" (Marília Pera)

Nesse disco que a Som Livre fez baseado no show do mesmo nome, de autoria de Fázio Arapê, com a participação única de Marília Pera, como cantora e bailarina, MP. canta músicas de Gilberto Gil, João Ricardo, Mautner, Lamartine Babo e outros.

"Feiticeira" é um interessante LP. produzido e dirigido por Nelson Motta, marido da cantora.

As duas faixas mais interessantes são, sem dúvida, "Não digas Nada", um poema de Fernando Pessoa (o maior poeta da língua portuguesa), musicado por João Ricardo, e, "Samba dos Animais", uma composição curiosíssima, muito interessante pelo seu tema bastante original, cujos versos falam a respeito do "tempo em que os animais falavam", samba esse, que Marília interpreta com muito mólho, muita bossa e muito ritmo, terminando por concluir, no último verso dessa composição de Jorge Mautner, que, "mas não é o macaco.../é o meu irmão.../".

Pela qualidade das músicas e pela forma diferente e gostosa com que Marília Pera as interpreta, é um LP, bastante interessante. (Célia de Freitas).



O último bolero em Sorocaba

Mah Luly, autor da peça "O Último Bolero em Sorocaba", que está sendo encenada no Teatro de Bolso (SP), n'um texto um tanto ou quanto puxado pró "Nonsense", aborda as atribulações de uma mãe e sua filha. Esse difícil relacionamento é tratado com toques de surrealismo e até apelos para personagens da mitologia grega, apesar de sua linguagem "esrachada e desvairada", como é moderninho dizer para explicar aquilo que, no mais das vezes, não tem explicação.

Eweron de Castro, diretor de "O Último Bolero em Sorocaba", considera e classifica o texto de Mah Luly como dotado de um "humor absurdo", e, também, como "uma saída".

De nossa parte, esse "humor absurdo" nos pareceu, ainda que, por cima, ainda é mudo. E, quanto ao texto de "Último Bolero em Sorocaba" ser uma "saída", é tão confrontante como saber que o Teatro de Bolso tem (felizmente), duas ou três.

A revolta dos monstros. Dos espectadores também.

"A Revolta dos Monstros" não é nada, comparada à revolta dos espectadores que caem na desgraça de escolher, como programa, o filme atual do cine "Windsor", em São Paulo.

Mesmo para aqueles que se propõe a ver o filme apenas pelo seu aspecto raro - trata-se de um filme filipino - convencem-se, logo após os pri-

meiros dez minutos, que a raridade maior é o diretor ter conseguido (sózinho), fazer um filme tão completa, tão total e absolutamente ruim.

Os monstros do filme (não o diretor, sacou?), são o "imprevisível" resultado do cruzamento de seres humanos com os mais repelentes animais.

Com essa "receita", com "ingredientes" tão sofisticados, o "prato" (apesar do capricho do cozinheiro) resulta, não num filme de horror, e sim, n'um filme que horripila pela cara de jacarandá do diretor que teve coragem de fazer um filme deses.

Coragem maior, porém, é a necessária para assisti-lo.

Livros

"O TUBARÃO" (romance)



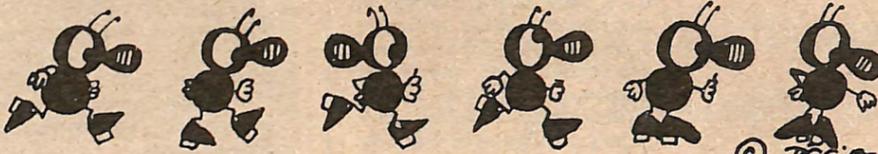
O romance "O Tubarão", expostos nas vitrines de todas as grandes livrarias é, no momento, um dos livros mais vendidos em todo o mundo.

Esse grande best-seller internacional, escrito por Peter Benchley, tem uma estória das mais curiosas e inusitadas, num fascinante misto de amor, aventura, mistério, enigma, ingredientes esses, que, com impressionante capacidade criativa, o mesmo Peter Benchley, seu o autor, compôs a estória de uma jovem e bela senhora que, após um ardente encontro de amor vivido numa romântica praia deserta, é tomada de irresistível vontade de tomar um banho de mar à meia noite. Ao nadar, contudo, a jovem e linda mulher, subitamente, é atacada tão violenta e cruelmente que seu corpo é cortado ao meio.

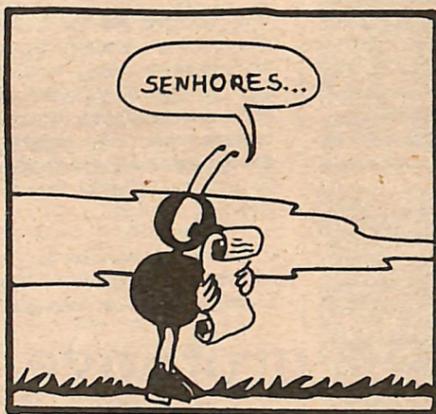
As primeiras do dia seguinte, numa manhã linda e azul, os restos mutilados de seu corpo vão dar à praia próxima a uma estância de veraneio americana, chamada Amity.

A partir desse incidente, Peter Benchley construiu uma história cheia de suspense, de final absolutamente imprevisível. E, como o monstro continua a atacar... o leitor não conseguirá interromper a leitura de "O Tubarão" antes de chegar ao seu final tão imprevisível quanto dramático. (Célia).

GIL



© BECO-BENTÃO



JUNDIAI CLINICAS



LOCAIS DE ATENDIMENTO

UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242

Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE ANCHIETA

Rua Padre Anchieta, 476

Fone: 4-2454

UNIDADE RANGEL

Rua Rangel Pestana, 222

Fone: 4-1001

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372

Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495

Campo Limpo Paulista

HOSPITAL

SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n. — J. Messina

Fone: 4-1666

PIZZA
KIBES
LANCHES
DOCES SIRIOS
Pratos Arabes

aberto até as 4:00 hs.
da manhã

IBE
ADI

rosário 239 - 4-2669

67⁸ 75
ANOS



CONSTRUTORA JUNDIAI LTDA.

r. Siqueira de Moraes n 578
8º andar - conjunto 801 - C

GRAND
PRIX

MECANICA

OPALA E CHEVETTE

R. BANDEIRANTES 157 - FONE: 6-8456

AGORA VOCE JA' TEM ONDE IR ZETISERVE

A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE
O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAI
LA' VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGITIMO
FRANGO FRITO SERVIDO PELO
PROCESSO CHICKEN-IN



avenida antonio segre, 504

Arquitetura e Urbanismo: PUCC pretende melhor ensino

Promovido pela própria escola e pelo seu diretório acadêmico, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC - Campinas, fará um fórum de debates abordando:

- 1) o ensino da arquitetura no Brasil;
 - 2) a arquitetura e a problemática regional;
 - 3) ensino, estrutura e aspectos didático-pedagógicos da arquitetura.
- Isso será realizado nos dias 3, 4, 5 e 6 (de 4ª feira a sábado desta semana), com as palestras iniciando-se às 9 horas, no auditório da Faculdade. Após haverá os debates, ficando para a tarde as respectivas avaliações. Os resultados serão colhidos pelos alunos, professores e direção, com o objetivo do aprimoramento do ensino daquela escola.

Depoimento de Tereza Souza e Walter Santos. Em mãos.

Eu preparei uma abertura para este depoimento, em que falava da minha admiração por Tereza Souza e Walter Santos, ela uma criatura maravilhosa, viva, inteligente, falante, ele um misto de mestre Zen, guia de cego e arcanjo, um baiano sensacional.

Preparei tudo, anexas as perguntas e liguei pra Tereza, dizendo da minha vontade de tomar um depoimento do casal de talentosos músicos que, marginalizados pelo esquema das gravadoras e diretores artísticos, se dedica a fazer conferências e shows para estudantes, a lutar pelos direitos da classe dos músicos e, no intervalo disso tudo e para se manter, cria e produz "jingles" - aquelas músicas que se usam em propaganda.

"Com todo o prazer", falou Tereza. Fotos? Claro que sim, ela mandaria buscar algumas no *Jornal do Brasil*, eu que não me incomodasse. Segunda-feira, cedinho, eu receberia tudo. Isso foi na sexta-feira. Mandei entregar a introdução e

as perguntas no "Nosso estúdio", Rua Dr. Seng, 102, o estúdio montado no peito e na raça pelos dois, mais um amigo. É ali que a dupla faz as peças publicitárias que têm recebido vários dos mais importantes prêmios da propaganda brasileira e onde você encontra alguns melhores músicos do Brasil, dando seus showzinhos particulares, nos intervalos das gravações.

Na segunda-feira, liguei de novo, para conferir. "Rapaz, nem sei como te contar. Perdi a papelada toda! Tenho impressão que foi no cabeleireiro, mas me lembro das perguntas, faço já..."

Fiquei maluco de raiva, era muito pouco caso, eu me babando em elogios, narrando com emoção a luta dos dois... e Tereza tinha perdido "a papelada toda, acho que foi no cabeleireiro". Fiquei maluco.

Algumas horas mais tarde, chega um envelope

do "Nosso estúdio". Era o depoimento de Tereza Souza e Walter Santos.

O envelope trazia, no sobrescrito:

"Sr. Erazê - como vê Em mãos, com carinho E amor Assim com jeito De quem dá Uma flor"

Dá pra ficar muito tempo com raiva de gente assim?

J. 2º: Qual a música de vocês que mais aconteceu?

Walter e Tereza: "Amanhã" foi nossa música mais gravada - só no Brasil mais de 50 gravações, no exterior umas 10. É a mais executada.

Em qualquer país do mundo nós viveríamos só com os direitos dessa música. O que recebemos dos direitos dela, por ano, deve chegar a 100 cruzelros, no máximo.

J. 2º: Vocês sentem estar fazendo uma "arte menor" no jingle?

W & T: Não. É incrível, mas mesmo com tempo limitado (N.R.: os jun-

gles têm a duração entre 30 e 60 segundos) e a história encomendada, o jingle nos dá mais liberdade de trabalho que a música. Isto porque nossa música, para ser gravada, tem que passar pela aprovação dos diretores artísticos, censura e tal...

J. 2º: E eles discordam da sua música.

W & T: Sim. E acho isso coerente. Nós também não concordamos com nada que eles fazem.

J. 2º: Como vocês encaram o fato de estarem afastados do processo musical?

W & T: Olha, a gente agora tem uma visão mais correta das coisas. Antes, doia, a gente encrava quase como um problema pessoal. Agora a gente sabe que o problema é cultural, você vê uma editora como a José Olimpio fechando, à míngua. Você vê o cinema brasileiro tendo que fazer chanchadas grosseiras para existir, o pessoal do Teatro fazendo telenovelas bobo-

cas para viver. Nós sobrevivemos no jingle. Ai, geramos um mercado de trabalho para o músico, compositor, cantor, locutor, ator...

J. 2º: Mas vocês pararam de compor? Não gravam mais?

W & T: Não, é impossível parar de compor. Até porque a gente não comanda muito isso. As coisas acontecem, a música vem e vem com tudo. O que está demorando é a vontade de gravar, de enfrentar todo aquele processo de aprovações...

J. 2º: Vocês têm se apresentado em shows-palestras com estudantes. E abrem o debate com eles. Que pergunta, ou perguntas aparecem com mais frequência, nesse papo com os garotos?

W & T: A pergunta que mais ouvimos é quase obrigatória: "quais são os caminhos da música brasileira?". Ué, e a gente sabe? Acho que a música não pode anteci-

par nada. Ela relata. Discorda ou concorda. O Waldick, o Teixelrinha, o Roberto Carlos, o Silvio Santos são uma resposta. Nós, que não concordamos, relatamos do nosso jeito. Quanto aos caminhos da música, vão ser os caminhos brasileiros... Acho que resta ao compositor um compromisso: a dignidade.

J. 2º: O que faltou a vocês, na época, para serem bem sucedidos como compositores, como foram no comercial de propaganda?

W & T: Liberdade. **J. 2º:** Vocês têm esperança de que as coisas mudem para quem vive de música?

W & T: O Conselho dos Direitos Autorais vem aí. São uma esperança: a numeração de discos, o recebimento dos Direitos Conexos, a regulamentação da profissão. Vamos ver, a criança que está crescendo pode ter uma profissão digna: a de músico, no Brasil.

Lingua à moda da casa

Comentando o documento da ABI que defende a necessidade de se aprimorar o ensino da língua portuguesa, o gramático Evanildo Bechara - depois de afirmar que "o mau uso da língua é apenas uma das muitas consequências de sérios problemas sociais" - conclui:

"Como professor, a gente fica triste de ver a precariedade do ensino no Brasil: dia a dia surgem novas dificuldades. Para que o aluno possa falar e escrever corretamente ele precisa de uma boa leitura.

Como exigir isso, se o pai do aluno não pode comprar nem jornal?"



Concerto cá, conserto lá

O grupo Brascan (no Brasil, Light) patrocina aos domingos, 10 da manhã, no Canal 5, o programa "Concertos para a Juventude", sempre muito bom (pelo menos os que eu assisti).

Mas mesmo maravilhado com os chorinhos de Ernesto Nazareth, que fizeram parte do programa do dia 23 de novembro, não

consegui me esquecer de que o dinheirinho que o Brascan ganha aqui e manda para o Canadá anualmente daria para construir alguns teatros por ano, em cada pedacinho do Brasil, se não fosse enviado

para compensar os déficits da matriz canadense, cujos lucros são rigidamente controlados pelo sistema econômico vigente na terra dos policlasmontadas.

Essa maldita xenofobia me impede de ser um cultor das coisas do espírito, pura e simplesmente. Subdesenvolvido é um lixo, mesmo.

Getúlio Vargas é assunto (sempre)

A Editora Três (que quando crescer ainda vai ficar parecida com o Victor Civita) tem uma revistinha mensal chamada "Grandes Acontecimentos da História", já em seu nº 30.

No nº 29 ela traz uma matéria interessante a respeito de Getúlio Vargas: duas entrevistas, uma com Paulo Duarte, outra com Samuel Wainer.

Paulo Duarte, por dever de ofício, nega qualquer valor a Getúlio afirmando que mesmo as transformações positivas, ocorridas no Brasil durante o getulismo, teriam acontecido naturalmente. Assim, a legislação trabalhista, Volta Redonda e mesmo a Petrobrás (que, naquele tempo era sinônimo de monopólio estatal do petróleo) aconteceriam, com ou sem Gegê. O radicalismo dos pontos de vista de Paulo Duarte se devem muito mais à sua aversão pelas ditaduras do que pela análise fria da história do getulismo. Essa aversão está destacada na frase "A ditadura é, por assim dizer, a fonte de todos os males sociais".

Samuel Wainer, que se orgulha de ter mantido o único jornal da história do Brasil que erra popular embora fosse da Situação (naquele tempo a imprensa se caracterizava pela crítica à Situação),



o *Última Hora*, vê valores incontestáveis na obra de Getúlio, destacando dois pontos importantes, segundo ele: a vocação nacionalista ("O Homem de fronteira, sua vocação de nacionalista vinha de longe" e o fato de ter evitado a implantação, no Brasil, do fascismo, que florescia na Europa de Hitler e Mussolini, através da marginalização do Partido Integralista. Samuel Wainer resume essa atitude na frase "Getúlio Vargas não era Hindenburg. Não entregou o poder ao Hitler nativo" (referência a Plínio Salgado).

A matéria "Paulo Duarte condena, Samuel Wainer justifica Getúlio Vargas" vale os 10 cruzelrinhos do nº 29 de "História", da Editora Três.



Cortázar na praça

Já está à venda "Octaedro", livro de contos de Júlio Cortázar.

Li apenas um dos contos, publicado há alguns meses na revista "Status". Sensacional!

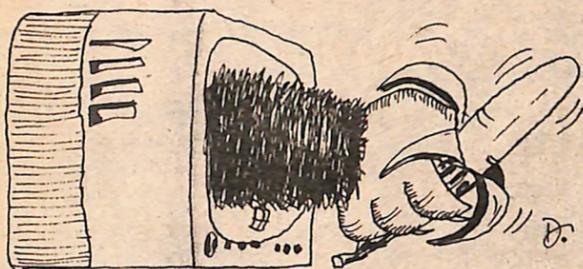
Cortázar, reconhecido como um dos maiores escritores da moderna literatura latino-americana, vem sendo atacado pela crítica mais radical (tem sempre gente discordando, o que é ótimo), por ser conservador em suas temáticas, embora vanguardista na forma de escrever.

Opinião do autor, diante da crítica: "Como



escritor, faço minha revolução dentro da literatura, na literatura". E como! (E.M.)

Yes, nós teremos macacos



Fizeram um filme, a moçada gostou. Fizeram dois, três, quatro e cinco, todos sobre o mesmo assunto: um planeta de macacos.

Agora são 14 filmes, especialmente feitos para a tevê, que a Globo vai apresentar, a partir desta 2ª feira, às 9 da

noite, todos com aquela macacada.

Prá quem gosta de simios (gorilas, chimpanzés, etc.), a série "Planeta dos Macacos" é prato cheio. Eu já me enchi, mesmo sem ter visto nenhum deles no cinema, nem na tevê.

(E.M.)

E tome seriado

O filme "A VOLTA DE JOE FORRESTER", que você pode ter visto, sábado no Canal 5, originou uma série, nos Estados Unidos, tal como aconteceu com "Kojak" e "Planeta dos Macacos".

Isso significa que, em fins de 76, ou em

1977, você terá Joe Forrester semanalmente — embora os filmes de violência, especialmente os policiais, estejam saindo de moda nos States, dando lugar a séries "mais humanas". Tudo depende do mercado de lá: o que é bom para eles ... (E.M.)

No Gabinete, piano, artes plásticas e música erudita

O Gabinete de Leitura Ruy Barbosa continua cedendo seu Salão Nobre para apresentações culturais.

Na semana passada aconteceram ali as seguintes promoções de cultura e arte: dia 28, audição de piano pelas alunas do Conservatório Musical de Jundiaí; no dia 29, uma Noite de Arte, com Eduardo Janho-Abumrad (baixo-profundo), acompanhado ao piano pelo prof. Arruda Camargo. O recital teve o patrocínio da Secretaria Municipal de Cultura; na noite do dia 30, alunos de piano da profa. Nailor Gropelo deram a sua audição; e no dia 1º o Salão foi ocupado por alunos do SESI, numa aula de Ciências, sob a coordenação da profa. Maria José Relá Correia.

Nesta semana, nos dias 4 a 7, haverá a I Exposição coletiva dos artistas filiados à Associação dos Artistas Plásticos de

Jundiaí, em comemoração ao 1º aniversário da entidade.

As promoções prosseguirão, dentro do seguinte calendário: dia 12, às 19,30 horas, audição de piano das alunas da profa. Maria Carlota Orsi Dias, no encerramento do ano letivo; dia 15, às 8 da noite, promovido pela Secretaria de Cultura, haverá um concerto de piano, clarineta e viola, a cargo dos artistas Saul de Almeida (piano), Leonardo Righi (clarineta) e Johans Oalsen (viola) no dia 17, às 19,30 horas, as alunas da profa. Carmen Silvia Pernambuco darão a sua audição de piano.

O calendário nos foi fornecido pela secretaria do Gabinete, que informa ter a entidade adquirido, nos meses de outubro e novembro, mais 216 livros, o que dá um total de 18.615 exemplares à sua biblioteca. (E.M.)

"Aqui" no brejo



Abílio Pereira de Almeida, autor de teatro, numa entrevista ao semanário "Aqui" (20 a 26/11), falando sobre a nudez e o erotismo no teatro brasileiro, pergunta e conclui: "... E a dignidade das pessoas? Foi pro brejo".

No mesmo número, Ítala Nandi (que me lembra não sei quem, me foge agora), responde: "O Abílio é muito inteligente, mas meio **passé**. O que foi pro brejo foi a cultura brasileira. E, se os atores perderam a dignidade, é porque a cultura perdeu".

Ítala, muito antes dessa onda de porno-chanchada, ficou nua em "A Selva das Cidades", seu último trabalho nos palcos". O nu era necessário para expressar uma idéia. Em função de uma idéia eu até fico nua".

E conclui: "O que é dignidade, se existe fome?". (E.M.)

Hasta quando?

O mesmo "Fantástico" (dia 23/11) que mostrou o enterro de Franco apresentou um cantor espanhol, Júlio Iglésias.

Se o jovem rouxinol durar tanto quanto o caudilho, corre outra grave ameaça. (E.M.)



HORÓSCOPO

Aries (21/3 a 20/4)
Período propício para concorrências públicas. Exija preço unitário. Comissões de Inquérito podem dificultar, mas vá em frente. Arquite-se.

Touro (21/4 a 20/5)
A fase da lua favorece o plantio de cana de açúcar. Tente comprar a Copersucar. Se não der, não se meta. Tome sua cachacinha e não se esqueça do "santo".

Gêmeos (21/5 a 20/6)
Se vocês são do tipo "idênticos" façam como as 7 Irmãs (Exxon, Shell, Texaco, Gulf e outras): contratem-se, arrisquem-se. O período é favorável.

Câncer (21/6 a 21/7)

Semana (ou mais) propícia para a extração de minérios. Consulte o grupo Penaroya, a Trans-

mine. Seus sonhos de ouro e prata concretizar-se-ão.

Leão (22/7 a 22/8)

Como declarou o Ministro Severo Gomes, da Indústria e Comércio (qual é desse signo): "estou num baixo astral". Vocês estão.

Virgem (23/8 a 22/9)

Tente projetos na Amazônia. Árvores enormes e

mais antigas do que você estão sendo derrubada. Em plena florada, saca?

Balança (23/9 a 22/10)

Teu irmão, o Parecer Jurídico, foi arquivado. Você não está bem regulada, nos tempos que correm.

Escorpião (23/10 a 21/11)

Sorratelro, cheio de veneno. Você me lembra alguém. Fique de perfil,

grite, vocifere. Seus projetos serão aprovados.

Sagitário (22/11 a 21/12)

Você não prima pelo bom caráter. Aproveite o ano que vem, consiga uma legendinha e vá em frente. Período favorável.

Capricórnio (22/12 a 20/1)

Fase propícia para os esportes de inverno, jogos de azar nos cassinos, col-

sas assim. Salário mínimo é problema teu.

Aquário (21/1 a 19/2)

Tua água pura e cristalina é um excelente refúgio. Prepare-se, que eu vou mergulhar. Mas sorria, pô!

Peixes (20/2 a 20/3)

O mar não está para ti. Tente um aquário. Esse aí de cima não! Esse é meu, bicho!

Profa. Zuleika



Vem aí o Natal brasileiro (sem neve, sem Jingle Bell)

"Veja" está preparando uma matéria sobre o Natal brasileiro.

Tereza Souza e Walter Santos (que depõem na página 13), foram entrevistados.

O nome da dupla foi lembrado principalmente pelo trabalho feito para a "Ducal", resultado de uma pesquisa muito séria, realizada pela Tereza nas Alagoas, e que você pode ver, em parte, nos comerciais que a televisão está mostrando.

O que você não verá, por enquanto, é o cordel que conta a festa dos Santos Reis e que completa a campanha: ele será mostrado apenas para os convidados que assistirão ao lançamento do "Natal Brasileiro da Ducal", em São Paulo. (E.M.)

OLHA O 13!



Desde o dia 25/11, o dólar está custando Cr\$ 8.90. É a 13ª desvalorização do cruzeiro, somente neste ano.

Em câmbio, 13 dá azar. (E.M.)

O MILAGRE JUNDIAIENSE

Outro dia atravessei, pela primeira vez a pé, a Rua Baroneza do Japi, recém-asfaltada.

Incrível! Cheguei do outro lado completamente curado! (E.M.).

Artes no Instituto

Em comemoração à "Semana de Artes"; o IEEJ realizou sua exposição de trabalhos nos dias 26/27 e 28. Faltou ao acontecimento uma conscientização maior da platéia, que não se comportou devidamente, na apreciação do espetáculo apresentado com três peças teatrais, e, na entrega das medalhas de Honra ao Mérito, concedida como prémios aos esportistas de maior destaque do colégio.

A comemoração levou ao teatro do colégio, grande número de jovens, que vibraram entusiasmadamente. Espero que para o ano que vem, continue o movimento, principalmente teatral, que tem tido grande procura, aceitação e incentivo de todos. (Deborah)

COMERCIANTE DO ANO

Nesse sábado, dia 29, a Associação do Comerciantes de Materiais de Construção de Jundiá, entidade presidida pelo sr. Waldomiro Frigéri, prestou justa homenagem ao seu associado, sr. Armando Mletto, consignando-lhe o título de "Comerciante do Ano" no ramo a que está ligado há várias décadas. Esta concessão se deu por ocasião do jantar comemorativo do décimo aniversário de fundação da entidade, tendo por local o restaurante do Parque Municipal "Comendador Antonio Carbonari". (C.F.P.).

JUNDIAÍ CAINDO EM PÉ E CORRENDO DEITADA

Nesse tempo de chuvas é que a gente pode verificar quanto vale ter uma estação rodoviária como a nossa: **nada**.

E por falar em nada, duas casas (pelo menos) das que se situam às margens plácidas da "Córrego do Mato" foram inundadas pelas chuvas de domingo passado, dia 23/11.

Os nadadores, digo, moradores foram prontamente socorridos pelo pessoal da Andrade Gutierrez, que inclusive prometeu arranjar novas moradias para as vítimas do **nosso** naufrágio — não sei se estou sendo claro. (E.M.)



ESCOLA-TUR, CATEGORIA A

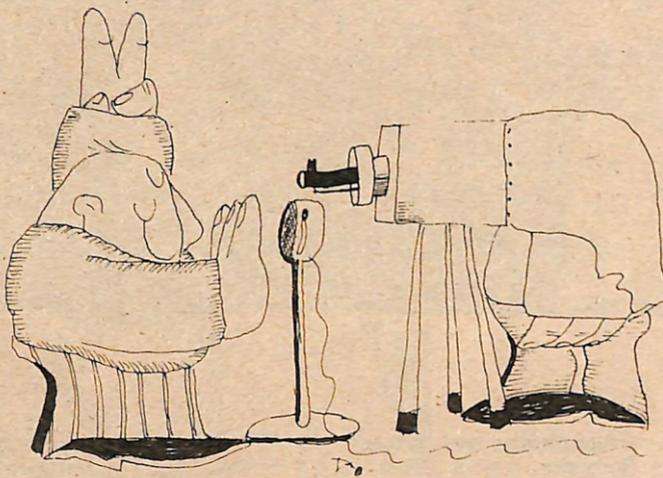


Muito se tem falado na redistribuição física dos escolares (não sei se é assim que se fala, exma. profa.): as autoridades justificando a medida como "democratizadora do ensino", as "mamãs" aflitíssimas porque seus pimpolhos terão que amassar barro para chegarem às escolas do bairro.

Embora eu ache que o convívio dos meninos-de-gola-de-renda com o pessoalzinho do Deus-abençoe-a-merenda-escolar seja importante, pois é um dado da nossa realidade social, não considero isso democratização de coisa nenhuma.

Se democratizar fosse isso, o Haiti seria o paraíso da democracia, com turistas americanos desfilando camisas coloridas e máquinas fotográficas pollaroids diante de uma população que tem que vender sangue para garantir o arroz com feijão. (E.M.).

É MODA...



O ex-canastrão de cinema, hoje governador da Califórnia, Ronald Reagan, ferrenho anti-comunista, armamentista e racista, escapou ileso de um

atentado, durante a turnê que realiza pelos States, postulando sua candidatura à presidência da república.

Escapou ileso do atentado, mas não da imprensa, que descobriu dias depois, tratar-se de uma farsa, promovida pelo próprio Reagan, numa tentativa de dar íbopo (Ford e Wallace, os outros candidatos, estavam subindo na cotação, graças aos atentados).

Prá mim, o pistoleiro contratado por Reagan deve ter sido John "Boina Verde" Wayne, farinha do mesmo saco. (E.M.).

CANDELÁRIO: ESCOLHA CERTA

Mais uma vez lembrado o nome do professor Joaquim Candelário de Freitas. Desta vez no 11º Torneio de Canto de Curiós e Bicudos, realizado semana passada. Sem dúvida uma grande escolha. Sem dúvida ele merece. (Pablo).

ONDE ESTA A CULTURA

Conselho Municipal de Cultura. Sai um entra outro, muda o pessoal e vira e mexe em tudo. Exonera um (a pedidos) outro também, admite um terceiro e a coisa vai indo. Há mudanças nas comissões municipais e sai presidente e entra outro. Só que desenvolvimento no campo cultural, estamos quase que na estaca zero. Azar de Jundiá. (Pablo).

FALTA "SOUND" NOS CONJUNTOS CABOCLOS



No Brasil existe uma pá de conjuntos de rock, que talvez não façam muito sucesso ou não são tão comentados por terem nomes brasileiros. Um desses conjuntos é o "Casa das Máquinas", que tira um som de primeiríssima categoria e que mexe com o corpo e a cuca. O conjunto conta com uns caras que entendem mesmo do assunto e que sabem transmitir uma mensagem onde é preciso ser muito "gente" pra sentir e chegar onde eles querem. O maior responsável pela arte da poesia é o Aroldo, que diga-se de passagem é gente pacas.

Agora, se o conjunto se chamasse por exemplo "The Five Boys" ou "Lost in Space", talvez a turma ia juntá-los na discoteca ao lado de Rick Wakeman (muito merecido por sinal), Santana, Black Sabbath, Chicago, etc. Mas como esses conjuntos tem personalidade e não vão "traduzir" os seus nomes, os brasileiros-americanizados-inglesados vão curtindo o Morris Albert. (Deborah Dobretchi).

7 Dias em Iguaçu e

Buenos Aires

PARA SUAS COMPRAS DE NATAL
IDA E VOLTA — Cr\$ 1.800,00

Abite Turismo

RUA DO ROSÁRIO, 585 — FONES: 6-1530 e 4-3922



LAGO AZUL

RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

O MELHOR
PLANO
NACIONAL

60 MESES

A MAIS
COMPLETA
LINHA DE
VEÍCULOS.

SEM ENTRADA. SEM JUROS E SEM RESERVA DE DOMINIO

CONSÓRCIO NACIONAL

Ford Administração e Consórcios Ltda.
Certificado de Autorização da Secretaria da Receita Federal 10/116

O ÚNICO COM GARANTIA DE FÁBRICA



A SUA GRANDE
CHANCE ESTÁ NA

VESCAM S.A.
Indústria e Comércio

AVENIDA JUNDIAÍ, 1465
TELEFONE: 4-0478

No Senai, a formação da mão de obra especializada



Responsável pelo fornecimento da maioria da mão de obra especializada às indústrias da região, a Escola Senai de Jundiaí conta atualmente com 600 alunos no período diurno e outros 700 no noturno. Eles estão divididos nos diversos cursos que o estabelecimento oferece, agora em maior número quando da ocasião da sua instalação na cidade, o que ocorreu em 1944.

Basicamente, os cursos diurnos dividem-se em 4 semestres consecutivos, com 900 horas/aula cada um. Depois disso, o aluno recebe um certificado de conclusão, equivalente ao diploma de 1º grau, mais sua habilitação profissional.



Savoy: o mercado de trabalho para nossos alunos está aumentando com a instalação de novas indústrias na cidade.

A Escola Senai forma, durante o dia, ajustadores mecânicos, mecânicos gerais, torneiros, marceneiros, mecânicos de automóveis, reparadores de circuitos eletrônicos e eletricitistas de manutenção. Na área de mecânica, existe ainda a especialização em Ferramentaria, com duração de 10 meses.

Há muito tempo que a escola conseguiu se firmar no conceito dos empresários com relação às qualidades profissionais de seus formandos.

E isto graças ao seu sistema completo de ensino, que deixa pouca margem a que seus alunos tenham dúvidas sobre o melhor procedimento diante de um problema profissional.

Com suas máquinas, algumas bastante modernas, e equipamentos sofisticados, a escola tem condições de oferecer tecnologia avançada a seus aprendizes. Estes, passam pelo dia dentro das oficinas e a outra metade, nas salas de aula aprendendo as matérias comuns de 1º grau.

Em todos os cursos, a sistemática de ensino é semelhante: os alunos vão à sala de Programa de Trabalho em Oficina — PTO — onde recebem todas as informações tecnológicas para a realização da tarefa. Depois, fazem seu planejamento, assim como desenhos das diversas partes necessárias.

Na área de Mecânica existem mais de 100 filmes sonoros Super-8 de todas as tarefas. Eles são projetados na sala para a complementação das informações que são

transmitidas aos alunos. Somente depois disso é que vão para a oficina, na bancada ou máquina, para a execução do trabalho.

SELEÇÃO

A escola convoca os candidatos (90% são provenientes de indústrias) duas vezes por ano: no início de abril e em setembro para os cursos diurnos e em maio e novembro para o noturno.

Primeiramente, todos são entrevistados e orientados sobre os cursos que a escola oferece para se saber o que desejam fazer. Depois percorrem todas as instalações da oficina para conhecerem melhor as opções e preenchem um questionário, onde citam três especialidades em ordem de preferência.

Após a prova escrita de conhecimento gerais e psicotécnico, os candidatos são novamente entrevistados para confirmar suas opções. Dentro do número de vagas existentes, eles são matriculados de acordo com sua classificação.

Os alunos ficam na escola de fevereiro a junho e de agosto a dezembro. Em janeiro e julho, fazem estágio nas indústrias. Durante toda a duração dos cursos, eles são pagos, sendo 50% do salário mínimo vigente na primeira metade do curso, e 2/3 no restante do tempo. Há muitos casos em que recebem mais, a critério da indústria.

TEORIA

Nas aulas de teoria,

como se convencionou chamar, são ministradas as matérias comuns do antigo ginásio. Visando um baixo índice de reprovação, a cada bimestre são dadas menções. Caso não sejam suficientes para a aprovação, o aluno fica obrigado a assistir a aulas de recuperação aos sábados.

Essencialmente, o ensino é ministrado através de dinâmica de grupo, onde todos os integrantes avallam o próprio trabalho e dos companheiros. Além disso, há muita interação dentro do grupo de forma que o desenvolvimento seja uniforme em todos seus componentes.

NOTURNO

Os cursos ministrados à noite na escola são os mesmos que os diurnos, mais os de eletricitista instalador e enrolador, controlador de medidas, desenhista mecânico, projetista de dispositivos e aperfeiçoamento e especialização destas profissões. A escola fornece também qualquer curso que a indústria peça, seja qual for o ramo de atividade, inclusive dentro da própria empresa.

Nos cinco primeiros meses, há aulas de leitura e interpretação de desenho, sendo dadas depois as aulas na oficina. A cada semestre completado, a escola fornece um certificado, num máximo de quatro.

INSTALAÇÕES

Situada na rua Engenheiro Roberto Mange,

95, a escola tem atualmente 8 mil metros quadrados de área construída, com capacidade para o próximo semestre de 800 alunos, e mil no segundo, somente nos cursos diurnos.

Há uma biblioteca e bibliotecária à disposição dos alunos, uma enfermeira em período integral, cantina e até uma Comissão Interna de Prevenção de Acidente, composta por alunos e professores da área profissionalizante.

Segundo o diretor Waldemir Savoy, o mercado de trabalho para os formados pela Escola Senai está se abrindo cada vez mais, com a instalação de novas indústrias. Dentro disso, a área de metalurgia é a que mais absorve os alunos, sendo esta a causa do estabelecimento ter os cursos para atender a demanda do setor.



Nas salas de aulas, os trabalhos são feitos em grupos